

A NOVELLA SEMANAL



BREVEMENTE: "A NOVA PLEIADE"

COLLECCÃO de pequenos livros de versos a se publicar sob a direcção de Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) e destinada a vulgarizar as obras dos poetas novos de grande merecimento, ainda pouco conhecidos do publico.

CADA volume, caprichosamente confeccionado, impresso a duas cores em excellente papel, com artisticos ornatos e solidamente encadernado, será vendido a 2\$500.

Na NOVA PLEIADE somente serão publicadas obras de verdadeiro valor.

Iniciaremos a colleccão com o primoroso livro **MANHÃ** do poeta paulista **Graccho Silveira**

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO — Rua Dr. Abranches, 43 — Caixa, 1172 — S. Paulo



A NOVELLA SEMANAL

DIRECTOR. BRENNO FERRAZ

PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS - FEIRAS

Para os 30 milhões de brasileiros, mesmo descontados os analfabetos, as tiragens dos livros nacionaes são ridiculas. E as edições pequenas encarecem o livro, limitam-lhe a expansão, impedem a razoavel remuneração dos auctores. Vivemos, assim, num circulo vicioso: o livro não se diffunde entre nós porque é caro e é caro porque não se diffunde. Isto succede com o livro bom, pois dos de fancia se tiram por ahí dezinas de milhares e se esgotam edições sobre edições...

Esta situação, de tão funestas consequências para o paiz, suggeriu a iniciativa da criação deste periodico, que representa um esforço no sentido de vulgarizar a boa literatura.

Popularizar o livro, tornal-o accessivel a todos, sem descuidar de o fazer ao mesmo tempo o mais atrahente possível pela esculpida escolha da materia e pela artistica confecção de cada volume, e depois usar de todos os meios para o diffundir em todo o territorio nacional, de fronteira a fronteira, e entre todas as classes sociaes, desde as mais cultas ás menos letradas — eis ahí, resumido em poucas palavras, todo o nosso programma.

Participando ao mesmo tempo da natureza do livro e da revista, A NOVELLA SEMANAL pretende reunir as vantagens desta e daquella: como a revista, será de leitura leve e variada, será vendida a preço infimo, será apregoadá nas ruas, nas estradas de ferro, em toda parte, a toda gente; mas não será futil e de interesse ephemero como ella: pelo fundo — pela qualidade e pela exteusão da materia — constituirá uma verdadeira série de pequenos livros, que se encadernarão no fim de cada trimestre, em bellos volumes com os quaes se formará uma bibliotheca literaria realmente preciosa.

Preendendo ser lida, muito lida, lida por homens e creanças, senhoras e moças, ricos e pobres, letrados e curiosos, pela totalidade, emfim, da população ledora, procurará uos auctores a vida, a acção, o interesse, de modo a constituir o verdadeiro livro popular.

Destinando-se a se tornar um instrumento de propaganda das boas letras — dos melhores auctores e dos melhores livros nacionaes — não se limitará a publicar trabalhos inéditos. Não seria este o melhor meio de se cumprir esta parte do programma traçado, havendo por ahí, esquecida e ignorada da maior parte do publico, tanta cousa optima a pedir um editor. Assim, A NO-

VELLA SEMANAL se propõe a salvar do olvido as melhores paginas esgotadas e as seputadas em collecções de jornaes e revistas — preciosidades que representam um opulento thesouro literario quas de todo desconhecido e inacessivel. Das obras ainda em extracção no mercado livreiro, destacará — a exemplo do que se faz em varios paizes, em anthologias de grande e pequeno tomo, didacticas e populares, e em publicações periodicas — as que sejam a mellhor mostra do livro e do auctor, de sorte a despertar nos leitores o desejo de ler os livros que, sem esse reclame, muitos provavelmente nunca leriam. E isso fará fornecendo ao mesmo tempo todas as indicações precisas para que qualquer pessoa possa fazer encomenda, ao seu livreiro ou directamente ao editor, da obra da qual se apresentou aqui uma pequena amostra e das outras obras do mesmo auctor. Esta publicação constituirá, portanto, ao mesmo tempo que um abundante repositorio de informações bibliographicas, uma selecta de pequenas obras excellentes, organizada com o fito de tornar mellhor conhecida a nossa literatura, dentro das nossas proprias fronteiras.

Não viveremos, porém, de alheia seiva. Teremos a nossa collaboração especial, de um punhado dos mais notaveis escriptores contemporaneos e acolheremos com prazer — e remuneraremos — todos os trabalhos interessantes que nos sejam enviados por auctores conhecidos e desconhecidos, consagrados e estreantes, comtanto que taes obras tenham valor e sejam conformes com a feição d'A NOVELLA, isto é, que tenham pequena exteusão e possam ser lidas por toda gente.

Preferimos dar maior desenvolvimento á edição do conto e da novella nestes volumes, por serem esses os generos que contam, entre o publico, maior numero de apreciadores. Mas não nos restringiremos a elles, embora delles tenhamos tirado o titulo desta publicação. Todos os outros generos terão o seu logar no nosso supplemento, verdadeira gazeta literaria de pequenas proporções, onde se encontrará um pouco de tudo e só do melhor.

Eis ahí ao que vem A NOVELLA SEMANAL, que se colloca á disposição do publico, dos auctores e dos editores, aos quaes deseja servir e dos quaes espera receber um acolhimento sympathico.

Os EDITORES.

Aos auctores

Acceptaremos com prazer toda collaboração interessante para qualquer das secções deste periodico.

Os auctores devem nos remetter os seus trabalhos, declarando o seu nome, endereço e o preço pelo qual nos offerem a sua collaboração.

Os originaes devem ser escriptos de um só lado do papel, em calligraphia bem legivel e de preferencia dactylographados.

Toda a correspondência deve ser endereçada á Sociedade Editora Olegario Ribeiro — Caixa postal n. 1172 — S. Paulo.

Aos editores

A NOVELLA SEMANAL publicará com prazer, e gratuitamente, o titulo, nome do auctor, preço e nome e endereço do editor, de todas as obras editadas no Brasil, bastando para isso que os editores lhe enviem aquellas indicações.

De todas as obras das quaes lhe for remittido um exemplar, publicará além disso uma noticia critica.

Aos leitores

A NOVELLA SEMANAL ambiciona ser lida em toda parte: cidades, villas, povoações, estradas de ferro, navios, hoteis, clubs, bibliothecas, etc., estando porisso organisando um serviço de distribuição que será o mais completo possível, de sorte a não haver ponto do territorio nacional onde não tenha leitores e não seja encontrado á venda. Para obter este resultado contamos com o auxilio dos nossos leitores, aos quaes pedimos que nos indiquem endereços de livrarias, agencias e vendedores de jornaes e pessoas e instituições que possam se interessar pela venda ou leitura deste periodico em qualquer localidade, por insignificante que seja.

Interessados tambem em conhecer os escriptores e poetas de merito de todos os Estados e de todas as épocas, affim de lhes poder divulgar a obra, muito agradeceremos qualquer indicação que a este respeito nos seja fornecida, rogando a todos quantos

queiram uos auxiliar neste trabalho que nos enviem relações de auctores e de livros publicados, de modo a nos habilitar a adquirir os volumes para os examinar.

Importante

Toda pessoa que angariar tres assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL, enviando-nos adeantadamente a respectiva importancia, terá direito a uma assignatura gratuita.

A toda pessoa que angariar qualquer numero de assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL offereceremos a titulo de brinde, livros, escolhidos no catalogo de qualquer livraria do Brasil, no valor de 20 o/o sobre o preço total das assignaturas angariadas.

Assignaturas

Anno	20\$000
Semestre	10\$000
Trimestre	5\$000
Numero avulso	\$400



ANNO I

A NOVELLA SEMANAL - São Paulo, 2 de Maio de 1921

NUMERO 1

O 22 DA "MARAJÓ," —
Monteiro Lobato
O FILHO PRODIGO —
PARABOLA — Léo Vaz
O TOIRO NEGRO — Alu-
zio Azevedo
A MATTA MALDICTA —

SUMMARIO

Baptista Junior
NATAL DE FREI GUIDO
-Magalhães de Azeredo

SUPPLEMENTO — A vida
anecdótica e pittoresca
dos grandes escriptores
OLAVO BILAC - Ama-

deu Amaral — Curio-
sidades literarias - Auto-
biographia de MONTEI-
RO LOBATO — Os nos-
sos poetas - Os sonetos
de ADOLPHO ARAUJO
— Leituras - Negrinha -
Coivára - Dialecto caipira

O 22 DA 'MARAJÓ,'

Esse delirio que por ahi vae pelo futebol tem seus fundamentos na propria natureza humana. O spectaculo da luta sempre foi o maior encanto do homem; e o prazer da victoria, pessoal ou do partido, foi, é e será a ambrosia dos deuses manipulada na terra. Admiramos hoje os grandes philosophos gregos, Platão, Socrates, Aristoteles; seus coevos, porém, admiravam muito mais aos atletas que venciam no estadio. Milon de Crotona, campeão na arte de torcer pescoços a touros, só para nós tem menos importancia que seu mestre Pythagoras. Para os gregos, para a massa popular grega, seria inconcebivel a idéa de que o mestre pudesse um dia offuscar a gloria do lutador.

Em França o homem verdadeiramente popular é George Carpentier, mestre em soccos de primeira classe. Se derem nas massas um balanço sincero, verão que elle sobrepuja em prestigio aos proprios chefes supremos vencedores da guerra.

Nos Estados Unidos ha sempre um campeão de boxe tão entranhado na idolatria do povo, que está em suas mãos subverter o regimen politico.

Entre nós ha o exemplo recente de Friedenreich, um pé de boa pontaria pelo qual milhares de creaturas, sobretudo creanças, são capazes de sacrificar a vida.

E os delirios collectivos provocados pelo embate de dois campeões em campo? Impossivel

assistir-se a spectaculo mais revelador da alma humana que os jogos de futebol em que disputam a primasia paulistanos e italianos, em S. Paulo.

Não é mais esporte, é guerra. Não se batem duas *equipes*, mas dois povos, duas nações, duas raças inimigas. Durante todo o tempo da luta, 40, 50.000 pessoas deliram em transe, extacticas, na ponta dos pés, coração aos pulos e nervos tensos como cordas de viola. Conforme corre o jogo, ha pausas de silencio absoluto na multidão suspensa ou deflagrações violentissimas de entusiasmo que só a palavra delirio classifica. E gente pacifica, bondosa, incapaz de sentimentos exaltados, sae fóra de si, torna-se capaz de commetter os mais horrorosos desatinos.

A luta de 22 feras no campo transforma em feras os cincoenta mil espectadores, capazes todos de se esfaquearem mutuamente num conflicto horrendo, caso um incidente qualquer funda em corisco as electricidades psychicas em ponto supremo de concentração.

O jogo do futebol teve as honras de despertar o nosso povo do marasmo de nervos em que vivia. Antes delle só nas classes medias a luta politica tinha prestigio necessario para uma exaltaçõesinha periodica.

E isso porque de todos os esportes tentados no Brasil só o futebol conseguiu acclimar-se, como o café. Hoje, alastrado de norte a sul, transfor-

mou-se quasi em praga, conseguindo só elle, interessar vivamente, exaltadamente, delirantemente, ao nosso povo.

No Estado de São Paulo não ha recanto, vil-loca, fazenda, bairro onde se não veja num chão plaino e batido os dois rectangulos oppostos, as-signaladores dum *ground*. Pelas regiões novas, de virgindades só agora atacadas pelos invasores, é commum topar-se, de subito, em plena matta, uma clareira aberta e limpa onde, nas horas de folga, os derrubadores de pão vêm bater bola.

Já assistimos um *match* em certa fazenda. Tu-do muito bem arrumado; os *players* uniformisa-dos, de meia grossa e botinas ferradas, tal qual como nos *clubs* das cidades. E falando em *corners*, *goals*, *hands*, *halfs-times*, a inglezia inteira dos termos technicos. Ao nosso lado um fazendeiro explicava:

— Aquelle *goal-keeper* é carreiro; amanhã de madrugada está de pé no chão puxando lenha. O *center-half* é madeireiro; está me lavrando umas perobas na roça velha. Os *full-backs* são tropeiros e os *forwards*, simples puxadores de enxada.

Era assombroso! Estavamos deante da maior revolução de costumes operada em terras de Santa Cruz desde o dia de Cabral. E tudo por arte e obra de uma simples esphera de couro estufada de ar!...

Antes do futebol só a capoeira conseguiu um cultozinho entre nós e isso mesmo só nas classes baixas. Teve seus periodos aureos, produziu seus Friedenreichs, afinal, acabou, perseguida pela policia, com grande magua dos tradicionalistas que viam nella uma das poucas coisas de criação indigena.

Infelizmente não se guardou memoria escripta desse esporte, cujos annaes se encheram de maravilhosas proezas. Não teve poetas, não teve cantores, não teve sabios que a salvaguardassem do olvido; e de todo o nosso rico passado de capoeiragem só restam impressões esparsas, em via de se diluirem, na memoria dos velhos contemporaneos.

Que bellos themas a nossa literatura deixa á margem, victima que é da eterna fascinação franceza!

Que se fixe pois, em letra de forma ao menos o caso do 22 da "Marajó"; com tanto chiste nar-rado pelo maior humorista brasileiro, esse pro-digioso Marck-Twain inedito que é o senhor Felinto Lopes.

O 22 da *Marajó* era um imperial marinheiro, mestre em desordens e amigo de revirar de per-nas para cima kiosques de portuguez. Rapazinho bonito, esguio, branco de côr, bigode espetado, imperava na Saude, onde suas proezas de capoeira excepcional andavam de boca em boca, discuti-

dissimas, como façanhas de Rolando. E taes fez que o governo, incommodado, deportou-o para o norte, a servir no Alto-Amazonas em canhoneira da flotilha estacionada no Pará. A mudança de clima regenerou-o e o rapaz, resolvendo tirar partido de seus dotes plasticos, ferrou namoro com a mulher de um *shipchandler*, da qual se tor-nou logo amante.

Pouco durou o trio.

O *shipchandler* morreu e o 22 casou-se com a viuva, herdeira dum paco de quatrocentos contos. Pedeu baixa, obteve-a e foi com a esposa em viagem de nupcias á Europa, onde permaneceu dois annos. Ao cabo, regressou á patria, elegendo o Rio de Janeiro para residencia definitiva.

Mas quanto mudara! Transformado num perfeito *gentleman*, embasbacava a rua do Ouvidor com seu apuro de trajes, suas polainas, suas luvas, sua cartola clara.

— Quem é? Quem é? Ninguem sabia.

— Algum fidalgo, certamente, cochichavam. Não vêm que modos distinctos?

E o 22 impavido, petroneando, de monoculo no olho, a olhar de cima para homens e coisas.

Tinha habitos certos, e todos os dias passava pe-lo largo de S. Francisco, como paca pelo carreiro.

Aconteceu, porém, que ali era ponto de uma roda de rapazes chiques, fortemente despeitados ante a esmagadora elegancia do desconhecido, rival perigoso, sem duvida. Os quaes rapazes, depois de muito cochicho, deliberaram quebrar a prôa ao novo concorrente, aguardando para isso apenas a oportunidade.

Certa vez em que o Petronio passava mais im-ponente que nunca, coincidiu approximar-se da roda chique um capoeira, mordedor que se ga-bava de ser mestre em "soltas".

Quem sabe hoje o que é "solta", nesta epoca de *kikes e shootes*? "Solta" era uma cabeçada sem *hands*, isto é, sem encostar a mão no adversario.

Mas o capoeira chegou e mordeu-os em cinco mil réis.

— Perfeitamente, responderam os rapazes, mas primeiro has de sapecar uma solta naquelle fre-guez que ali vae de monoculo!...

— E' já! exclamou o capoeira gíngando o cor-po. E tirando o chapéo foi postar-se na calçada por onde vinha o 22, de cartola e monoculo, sacudindo passos de *lord*, muito esticado dentro do seu *croisé* cortado em Londres.

Um, dois, tres... Quando Petronio defrontou o capoeira, despejou-lhe este uma formidavel e primorosa cabeçada.

O desconhecido, porém, quebrou o corpo, e a cabeça do atacante foi de encontro á parede, ao mesmo tempo que um pé bem manejado plantava-o no chão com elegantíssima rasteira. O mordedor, tonto e confuso, mal ergueu-se e já desabou de novo, cerceado por outra gentil rasteira. Passára, imprevisivelmente, de aggressor á aggreddido e, desnorteado, deu sebo ás canellas, indo apalpar o gallo a cem passos de distancia.

Emquanto isso o Petronio, concertando a gravata, com grande calma, dirigiu a palavra aos moços elegantes, assombradissimos:

— Só uma besta destas dá soltas sem negaças! Já dizia o Cincinato Quebra-Louças: soltas sem negaças só em lanpeão de esquina. Se grampeasse, inda vá lá. O Trinca-Espinhas, o Estrepolia, o Zé da Gambôa e outros praxistas admittem-n'a neste caso, e isto mesmo só quando o semovente não é firme de letra.

E gyrando a bengala de unicornio entre os dedos annelados, finalmente superior, concluiu, com saudades:

— Já gostei desse divertimento. Hoje, minha posição social e o meio em que vivo não m'o permittem mais. Vejo, porém, que a arte está decaindo...

E lá se foi, imperturbavel e superior, murmurando comsigo:

— Soltas sem negaças... Forte besta!

Os elegantes, passado o momento de estupor, planearam solenne desforra.

Contratariam o famoso Dente de Ouro, da Saude, para quebrar a prôa ao prosa.

Tudo ajustado, no dia marcado postaram-se no carroiro, com o rompe-e-rasga á frente.

— E' aquelle! disseram, quando repontou ao longe a cartola clara do Petronio.

Dente de Ouro avançou feito para o desconhecido. Ao fronteal-o, porém, entreparou, e abriu-se num grande sorriso palerma:

— O' 22! Você por aqui?!...

— Cala o bico moleque, e toma lá para o cigarro. Mas afasta-te, que hoje sou gente e não ando em más companhias, disse o Petronio, correndo-lhe uma pellega e seguindo caminho.

Dente de Ouro voltou ao grupo dos elegantes, alisando a nota.

— Então? perguntaram elles, desnorteados com o desenlace imprevisito.

— 'cês 'tão bestas! Pois aquelle é o 22 da "Marajó", corpo fechado para sardinha e pé que nunca malou saque. Estrompar o 22?! 'cês 'tão bestas!...

MONTEIRO LOBATO



O FILHO PRODIGO

(PARABOLA)

Certo Absaul, de Babylonia, homem a quem o Senhor abençoara nas obras das suas mãos, accrescentando-lhe as riquezas sem conto, tinha dois filhos. E' possivel que tivesse tido outros; é mesmo muito provavel, dado o seu genio; mas a Historia, não se sabe porque, só menciona estes dois privilegiados, e a ninguem é dado torcel-a ao sabor das proprias conjecturas. A Historia é a Historia.

Ora, destes dois filhos do rico Absaul, Izar, o mais velho, era o modelo dos Izāres. Trabalhador, honesto, pouco falante, leal e submisso, nunca ao pae dera o menor aborrecimento. Todos os dias, desde os seus sete ou oito annos, ainda madrugada nova, reunia o grosso das ovelhas paternas e lá tocava com ellas para as planicies, a apascental-as, até a noite, quando tornava ao redil, onde dormia, num palheiro, ao lado de duas ou tres ovelhinhas favoritas. Era como se não existisse. Era mais: era um novo servo do pae, e gratuito. As suas unicas ambições não iam mais alto do que o mendrugo que levava ao pastoreio e a sôpa que á noite partilhava com os criados.

Emfim, um optimo rapaz, o Izar.

Já Balaad, o mais moço, era outra fazenda. Dez annos mais novo que o irmão, desde a infancia que só trazia ao velho attribuições e cabellos brancos. Creançola ainda, já desencaminhava cachôpas, com graves desembolsos paternos, que só assim lograva a aquietação dos rendeiros suspicazes e paes de filhas.

Mas ainda assim, isso era o de menos. Avançando em idade e em maus costumes, promovera-se Balaad a collaborador de lares alheios, escandalizando a sociedade babylonica em clandestinas e escandalosas aventuras. E, mais, assignava letras respeitaveis, que o bom do velho, temeroso de ver o nome da sua estirpe a figurar em protestos e citações desagradaveis, ia resgatando, entre fundissimos suspiros.

O diabo. Aquelle filho era realmente uma immerecida penitencia para um tão fiel servidor de Jehovah. Já o velho pae se via privado de

certas excursões á noite, muito de seu gosto e inclinação, pela certeza de topar infallivelmente com o filho nos mais abominaveis sitios e companhias. Nem á casa do seu amigo, o optimo Yozias, lhe era dada a antiga assiduidade, pois de lá não sahia Balaad, que induzira a crime de lapidação a linda esposa delle, a rochonchuda Vitelia!...

Até que um dia mandou Absaul vir-lhe á presença o incorrigivel. E, pousando o jornal, começou uma reprimenda, já muito surrada:

— Os designios do senhor são altos e inattin-giveis á misera comprehensão dos homens...

No que foi interrompido por Balaad, que, so-prando para a braza do charuto a baforada, e encostando as nadeegas á borda da mesa, lhe cortou para logo o fio ao sermão:

— Meu pae nasceu, innegavelmente para prégar na synagoga; o seu discretear é sempre magnifico, quer no fundo, quer na forma, não ha duvida nenhuma. Mas, porque diabo essa mania de m'ó prégar a mim, que já o sei de cór e salteado? Ha por ahi tanta gente, meu velho, a cuja ignorancia muito mais aproveitaria a vossa oratoria...

Absaul olhou-o alguns instantes por cima dos olhos e resolveu abandonar a rhetorica, por evitar remoqueos novos. E enfiou direito pelo assumpto:

— Bem. Falemos claro. Mandei chamar-te para te dizer que isto não pode continuar assim. Tu não te emendas e eu já te não posso aturar por muito tempo nas minhas barbas...

— Perfeitamente.

Após nova olhadela, Absaul continuou:

— Tens direito a uma parte da fortuna cuja guarda me confiou o Senhor, e ella tem de ir ter ás tuas mãos, por morte minha. Pois bem: Adeanto-te agora mesmo esses cabedaes, sob a condição de deixares immediatamente Babylonia. Vae para Damasco, vae para Ninive, vae para o Egypto, vae para o Inferno... Estabelece-te alli, ou enforca-te, mas cá nunca mais tornes, a envergonhar com tua presença as minhas cãs honradas. Aqui tens o cheque. Suma!

— Sim, senhor! disse o rapaz, mettendo o cheque na carteira; até que emfim, sempre ao meu pae occorreu uma ideia luminosa! Nunca suspeitei de proceder de tão intelligente creatura...

Mas, vendo que o velho fingia engolpar-se de novo na leitura, despediu-se com um

— Até á vista!

E abalou satisfeito. O primeiro comboio transportou-o a Damasco, para onde de ha muito o chamava a fama dos seus vinhos e das suas mulheres. E, uma vez alli, poz os capitaes em conta-corrente no London Bank até que lhes achasse melhór e definitivo emprego.

E foi o leão das rodas elegantes de Damasco.

Mas não ha leão que sempre dure, nem cheque que nunca se acabe. O de Absaul extinguiu-se ao cabo de alguns annos, e um dia, no "guichet" do banco, um saque de Balaad foi polidamente regeitado.

— Hein?!...

— Perdão, meu caro senhor; temos muito gosto em servir ao illustre dr. Balaad, mas devemos advertil-o de que os seus fundos já estão exgotados. Faça o favor de conferir a sua caderneta... Verá... O ultimo saque, de Talentos 2,50, a 19 de Rhamadan, só em parte foi satisfeito... O dr. deve ter recebido o aviso... Faça o favor de conferir a caderneta...

Balaad conferiu a caderneta, que pela primeira vez abria. Estava limpo. Alheio de miudezas, elle retirava toda a sua fortuna, em grossas parcelas, sem nenhum instincto de conservação. Estava a nenhum.

E logo naquella noite de *première*, em que tinha de ir ceiar com a divina Pitta! Azar!...

Não havia que ver: era voltar.

Empenhadas as ultimas andainas deixadas pelos credores surprehendidos e inexoraveis, embarcou dias depois para Babylonia, sem saber muito bem o que iria lá fazer. Para evitar desagradaveis encontros com algum conhecido damasquino, de alto bordo, vestiu um fato de operario e tomou passagem na terceira classe.

Mas uma desgraça nunca vem só. A de Balaad tambem trazia no bojo outra. Pois eis que justamente o seu comboio, já nas proximidades de Babylonia, abalrôa com um trem de cargas, que conduzia grandes manadas de porcos para os frigorificos de Ninive.

Foi um desastre horrendo. Muitas mortes e muitissimos feridos.

Balaad, propriamente, não teve mais do que pequenas contusões e excoriações de somenos. O acaso porém combinou as coisas por tal modo, que elle, quando deu tento de si, estava encurralado sob os escombros dum vagão, de parceria com uns poucos bacoros immundos.

O serviço dos bombeiros deixou muito a desejar. Pelo menos quanto á presteza, muitissimo. Eis porque o bom filho, que assim tornava á casa; como quer o brocardo, teve de permanecer alli uns cinco dias naquella camaradagem humilhante e, ao cabo dos primeiros dias, sobre humilhante, perigosa. Se não fôra aquella faquinha que tivera a ideia de trazer comsigo para o que desse e viesse, aquelles brutos esfaimados dar-lhe-iam com toda a certeza cabo do canastro.

Mas teve que contentar-se com a carne crua e, até certo ponto, *faisandée*. Uma perfeita miseria!..

Emfim, sempre deram com elle alguns bombeiros, que não deixaram de deitar piada, ao ver surgir aquella face humana de onde só contavam ver apontar as fuças de algum suino faminto. Mas estava salvo, e isso era tudo para o forte espirito do nosso Balaad.

*

Immediatamente dirigiu-se ao ninho antigo.

Já de longe, percebendo certa animação extranha aos hábitos nocturnos da sua casa, sorriu. Não havia duvida: era uma festa.

— Hum! pensou o rapaz, meu pae vae ás mil maravilhas... Estará viuvo?...

Acertara. Dois annos antes morrera a mulher de Absaul, levando comsigo para o seio de Abrahão as ultimas peias que cerceavam ainda o genio alegre e folgazão do velho. E desde ahí foram festas, beberetes, patuscadas na cidade ou no campo, com côristas e senhoras equivocas, taes e tantas, que o povo de Babylonia já alcunhara o viuvo de Balthazar II.

Parado em frente ao portico da casa paterna, Balaad ouvia esses informes aos basbaques que no sereno espreitavam o festim. Até que, batendo na testa a classica palmada e piscando um olho, dirigiu-se ao saguão de entrada e mandou annunciar-se ao pae.

O rico Absaul, ao ouvir que alli estava á porta Balaad, de torna-viagem, não pôde compor de prompto as ideias, que lhe andavam razoavelmente dispersas, mas abandonou precipitadamente os convivas e foi ter com o filho. Mas ao topar com elle naquelle estado lastimavel em que sahira de sob os destroços ferroviarios, sentiu reviver no animo a humana e paternal piedade:

— Que é isso? Que maus fados te puzeram nessa extremidade? De onde vens, a estas horas, assim immundo como um guardador de porcos?...

Ao que Balaad, apanhando a deixa no ar, prorrompeu:

— Ah! meu pae! Jehovah tem designios altos

e inatingiveis á misera intelligencia humana! Sou um grande e desgraçado peccador, porque contra o Senhor e contra o meu pae pequei! Já não sou digno da vossa inexgottavel complacencia. Já não mereço sequer o lugar de um dos vossos servos mais humildes!...

La juntando gente, o que não entrava nos gostos do velho, que não augurava boa sahida para aquelle exordio do filho. Assim, tratou de rematar logo a scena:

— Mas acaba com isso, homeni! Que foi que te aconteceu?

— Uma desgraça, meu pae, uma tremenda mas muito merecida desgraça, imposta por mãos de Jehovah ao filho indigno e reprobado...

— Sei disso... Mas conta logo o caso...!

— Aquelle cheque, que na vossa magnanimidade, meu pae, me concedestes, quando daqui parti, com o coração orgulhoso e empedernido, deixando o santo conchego do lar, aquelle cheque, roubaram-m'os ladrões crueis!... Fiquei na miseria e nú que nem um cão. E por não macular o vosso nome com a minha abjecção, pelo mundo andei erradio e desprezado. Servi, como clarividentemente o dizeis, feito guardador de porcos a amos sem piedade, que até o sustento me negaram, obrigando-me a compartil-o com a alimaria immunda para saciar a minha fome. Vêde como estou magro!... Muito soffri pelo muito que pequei, Jehovah seja louvado...!

A multidão era já compacta ante a porta de Absaul.

— Mas, afinal...?

— Afinal, cansado de tantos soffrimentos, pensei que aqui em vossa casa encontraria um canto onde morrer, e o perdão e a bençãam do meu pae... Sinto que a chegada do impio venha em momento de perturbar as santas praticas com que certamente meu pae rendia ao Senhor o seu culto, como homem justo e recto que é...

Aquí Absaul julgou prudente intervir, movido da risota que começava entre os circumstantes:

— Não, meu filho, as graças ao Senhor, costume rendel-as, é certo, como manda a Lei... Mas tudo tem seu tempo e oportunidade... Esta festa não tem precisamente esse caracter que lhe dás. E' que... Sim... Como já estava informado de que finalmente te arrependeras e; deixando o triste mistér de guardador de porcos, procuravas o perdão e a bençãam de teu pae, mandei organizar esta surpresa, afim de celebrar a tua volta e a nossa reconciliação. Anda daí, pois; vae lá dentro, banha-te convenientemente e vem para nossa

companhia, onde anciosos te aguardam os nossos amigos...

E descendo uns degraus, Absaul segredou aos ouvidos de Balaad, mas não com a prudencia sufficiente para que não fosse escutado pelos ouvidos mais afiados dos curiosos:

— E olha, meu filho, afim de honrar como convém o teu regresso, mandei vir a Vitelia, sabes? a viuva do Yozias, a Vitelia Gorda, como lhe chamavas... Tu te lembras...

*

E enquanto, no banheiro, os servos lhe ungiam os membros com oleos e essencias finas, Balaad, sorrindo, murmurava:

— A Vitelia Gorda, hein?... Este senhor meu pae é das Arabias!!..

LÉO VAZ



O TOIRO NEGRO

A noticia de uma estrondosa corrida de toiros, que se ia dar na velha cidade da Gallisa, onde nessa época me achava, assanhou o povo como por encanto, pondo-lhe o animo num estado de alegria do qual estava eu bem longe de o suppor capaz. Viria como Primeiro Espada e Chefe da «cuadrilla» o guapo Torbellino, dono então por alguns instantes da cruenta alma espanhola, sem conseguir, está claro, com esse passageiro namoro, distrahi-la completamente da sua sádica paixão por Lagartijo e Frascuelo.

A boa nova começou logo a chamar gente de todas as cidades e povoações vizinhas. Ninguém por alli em volta resistia ao soffrego desejo de vir buscar o seu quinhão de sensações violentas, que tão grata toirada promettia, e gosar o seu bocado de sangue fresco, que havia tanto tempo já se não gosava por aquellas alturas. Dir-se-ia que os restos da sacrosanta Espanha de Torquemada e de Philippe II, não se podendo saciar como dançes, nos bons tempos, com o capitoso sangue dos hereticos e dos impios, se contentava agora, em falta de melhor, com o innocuo sangue de bois e de cavallo, sempre na esperanza, todavia, de qualquer acaso feliz, que viesse enriquecer a festa com o apreciavel sangue de algum toireiro desastrado.

E já não havia meio de conter a soffreguidão

publica pelo promettido regabofe, quando chegara afinal o grande dia, deslumbrante ao vivo sol de agosto e aclamado ardentemente pelò povo como um dia de gloria nacional. Houve salvas e toques de corneta ao romper d'alva. Das duas da tarde em diante, as principaes ruas da cidade, no meio de uma poeirada de cegar, transformaram-se em estrepitosas torrentes de carruagens, carroças, ginetes, e peões de toda especie, que lá iam, em ancioso alarido, desaguar na praça de toiros.

Á entrada do circo, donde vinha um quente rumor de caldeira a ferver, homens de má catadura, com grandes taboleiros amparados ao ventre e suspensos do pescoço por grossa correia de coiro crú, offereciam aos circumstantes, não refrescos, frutas e flores, mas navalhas e facas de todos os feitios e tamanhos. Mais adiante, viam-se outros a vender, em vez de doces e confeitos, chouriços, paos e linguças, e ouviam-se ainda outros, cercados de barris e garraões, apregoar vinho, azeitonas e aguardente. Em volta dos felizes que entravam para assistir ao espectáculo, rilhava invejosa a matilha dos que ficavam cá de fora sem poder fazer outro tanto, e um enxame de mulheres, de lenço de cor á cabeça, doidejava em redor dos sujeitos que se dirigiam aos corretores de bilhetes, supplicando-lhes, a sorrir ansiosas, uma senha de entrada em troca de tudo que ellas lhes pudessem dar com o corpo; e mendigos beravam por outro lado, lanceando o espaço com os dedos hirtos, a reclamar esmolos como quem reclama justiça no meio de caiphazes, e atiravam para o ar o nome de Deus e das virgens num intenso diapação de pragas; ao passo que os guardas-civis, sombrios debaixo do seu reluzente chapéu de oleado em forma napoleonica e da sua enorme capa, rondavam de um lado para outro, cruzando-se com os chulos de facha encarnada e as manolas de trunfa alta, que tambem rondavam, mas com fins inteiramente oppostos.

O corredor do amphitheatro estava ensalsichado de espectadores até a boca, e lá dentro, tanto do lado da sombra como do sol, não havia lugar vazio. Meu banco felizmente era á sombra, e eu via palpitar no lado contrario, em plena luz, os leques de milhares de espectadores de ambos os sexos, lembrando borboletas presas pelos pés e doidas por voar; as sombrinhas de todas as cores, as vistosas mantilhas e as roupas claras tinham, nessa vasta e illuminada banda do circo, um aspecto tão allucinador, que parecia ser a expressão palpavel daquella infernal algazarra, feita de rixa e riso, e da qual os palavrões obscenos se desta-

cavam, iguaes a esses estalos mais fortes que re-
bentam por entre a constante crepitação de um
incendio na floresta virgem. Ouviam-se de todos
os lados sonoras pragas e alegres exclamações de
arrancár coiro e cabello; á minha esquerda, uma
familia, em que havia meninas menores de quinze
annos, manifestava o seu enthusiasmo pelo mes-
mo depilatorio systema, e aquelles castos ouvidos
recolhiam palavradas capazes de fazer tremer a um
soldado, que não fosse espanhol; á minha direita
o chefe de outra familia, sem duvida não menos
honesta que a da esquerda, empinava de vez em
quando uma formidavel borracha de vinho, a que
elle chamava «bota», e fazia tambem beber aos
seus por igual sorte, entremeando os successivos
tragos com tarascadas de chou-
riço, partida rente da boca por
uma navalha, de inquietadoras
proporções.

Cinco minutos antes das
quatro horas, momento marca-
do a rigor para começar a
função, a berraria recrude-
sceu, preparando-se já para
protestar, mas o Alcaide da
cidade, pomposo nas suas in-
signias, assomou logo no cama-
rote de honra, acompanhado
pelo Presidente da corrida,
cumprimentou cerimoniosa-
mente o publico, e uma vi-
brante corneta militar, acolhida
com tumultuosos regosijos,
deu o signal de abertura. Rom-
peu então a banda de musica
a tanger uma marcha dobrada, escancararam-se
as grades de um portão no lado opposto ao da
entrada de espectadores, e entre applausos geraes
a «cuadrilla» fêz a sua solenne apparição na liça.

Vinha na frente, a cavallo, o Primeiro Espada,
o guapo Torbellino, todo agalado, com chapéu
de plumas e botas de canhão, empunhando se-
nhorilmente o seu bastão de Chefe; seguiam-se
os bandarilheiros e capinhas, a dois e dois, numa
vistosa ala de cinco pares, todos a gingar, bri-
lhantes nos seus bordados trajos de jaqueta curta
e calção justo, o braço esquerdo dobrado por
debaixo da capa vermelha e o direito solto, acompa-
nhando os requebros do corpo; fechavam o sequito
os picadores, em numero proporcional, formados
de três a três, com brutaes perneiras de chumbo
e lanças formidaveis, cavalgando velhas alimarias,
tristes e alquebradas, que ali vinham, depois de

uma dura vida de trabalhos no campo ou nas
cidades, para ser, em recompensa dos seus bons
serviços, escorneadas por companheiros de mar-
tyrio.

Feita a apresentação, separados da «cuadrilla»
os toïreiros que tinham de ficar na praça e cor-
rer o primeiro toiro, fechado de novo o portão
por onde vieram, bem vendados os olhos aos
cavallos dos picadores, para que não fugissem
espavoridos ao perigo, a corneta deu novo signal,
abriu-se daquelle mesmo lado uma cancella, e a
victima designada surgiu a galope, estacando logo,
porém, em pleno circo, fascinada e aturdida no
meio de toda aquella estrondosa berraria, a olhar
perplexa para todos os lados, até que, como se
só então desse pela presença
dos capinhas, investiu contra
um delles.

Estava travada a pugna.

E começaram a repetir-se
defronte daquelles milhares de
olhos avidos as estafadas sor-
tes e passes, que ha seculos a
Espanha vê e revê sempre com
o mesmo enthusiasmo, e que
sempre applaude com a mes-
ma convicção patriótica. Os
capinhas, como ha cem annos,
atormentavam a pobre besta,
negaciando defronte della com
as suas irritantes e traiçoeiras
capas vermelhas, ou os ban-
darilheiros lhe espetavam na
espada e no pescoço farpas
carregadas de enfeites e, ás

vezes tambem de fogo, ou então os picadores lhe
apresentavam as ilhargas das suas deploraveis caval-
gaduras, para que o enfurecido animal as destri-
passe ferozmente, e tambem como ha cem annos,
se o misero cavallo não morresse logo á primeira
aggressão e ainda se pudesse equilibrar sobre as
patas, recolhiam-lhe de novo ao ventre os intes-
tinos, cosiam-lhe o coiro com alguns pontos
apressados, e de novo o offereciam, sempre com
a venda nos olhos, aos truculentos cornos, e afinal,
ainda como ha cem annos, quando o toiro se
achasse já bem cansado e exaustão, o Matador se
apresentava defronte delles com a sua gloriosa
espada e lh'a enterrava no cerviz até matál-o.
Fidalgo gesto, que sempre teve o condão de ar-
rancar do publico espanhol delirantes manifesta-
ções de applauso, traduzidas não só em brados
de louvor e em flores, alli mesmo arrebatadas do

Monteiro Lobato

**A Onda
Verde**
JORNALISMO

Brochura 3\$500, enca-
dernado, 4\$500 pelo
correio mais 500 réis

**Pedidos á
MONTEIRO LOBATO & C.
R. Boa Vista, 52 - S. Paulo**

proprio collo ou do proprio toucado pelas mulheres, mas muitas vezes tambem em ricos lenços de renda, finos leques e até joias preciosas, que lá iam cair aos pés do triumphador de envolta com charutos, cigarros e môedas de prata arremessadas pelos homens.

Só a quinta e ultima corrida da toirada, graças ao imprevisto das circumstancias que se deram nella, discrepou daquelle veneravel ramerrão, e por isso mesmo foi a unica digna de ser contada.

O toiro então a correr era um bello animal negro e reluzente, com os cornos curtos e afilados como os de um bufalo.

Ao abrirem-lhe a cancella, elle invadiu a praça num formidavel e insolito galope, centripeto e cerrado, e a circulou repetidas vezes, com tal velocidade e tamanha furia, atropelando tudo por tal modo, que foi logo uma debandada geral em toda a areña; os capinhas e bandarilheiros voavam por cima da trincheira, sem quasi lhe tocar com a mão, e os picadores, chumbados aos seus pretensos corseis, abeiravam-se della e eram ás pressas colhidos lá de dentro e carregados no ar, a pulso, como manequins de pernas tesas, entretanto que os expiatorios rocinantes, abandonados e ás cegas, iam recebendo cornadas por conta propria e pela de todos os lidadores que desertavam o campo. Eram três os miseros, e os três pouco tardaram a cair mortos, enchendo de sangue o chão, já coalhado de restos das capas, sombreiros, lanças, bandarilhas e outros despojos, que o toiro espezinhava com raiva, rugindo de cabeça erguida.

O publico, a patear e a trapejar com as bengalas, protestava em delirio contra a ausencia dos toireadores no lugar do perigo, e reclamava, a berros loucos, novos cavallos na praça, como estabelecia o regulamento das corridas. E essa feroz reclamação de «chair-au-taureau» encheu muitos minutos, que foram até ahí os mais estrepitosos da toirada.

Era tal o fragor, que o toiro pela primeira vez se mostrou atordoado e se pôs a correr á toa, procurando instinctivamente uma aberta qualquer, por onde fugir áquella diabolica tempestade que bramava em redor delle e parecia querer tragá-lo.

A tempestade se acalmou quando de novo se abriu o portão, para dar passagem a outra turma de três picadores, desta vez precedidos por todos os toireiros da «cuadrilla», que foram entrando de cambulhada e dispostos para tudo. Torbellino, agora vestido de seda cor de esmeralda recamada de galões de oiro, trazia comsigo uma cadeira, cuja magistral sorte figurava no programma da corrida em letras garrafaes.

Mas o tremendo adversario não lhes deu tempo para negaças, e de roldão foi investindo sobre um dos picadores, que logo desabou da sella como um S. Jorge, e ao qual era preciso acudir antes de mais nada e carregar promptamente dalli, se o não queriam ver num apice acabar nas pontas do toiro. E para êste distrahir e arredar daquelle zona durante a subtracção do picador em apuros, armou-se em volta delle uma agitada tropelia, emquanto os outros dois cavalleiros, bem scientes do que os esperava, tratavam de chegar-se á salvadora trincheira, contra a qual de facto eram em poucos segundos arrojados impetuosamente com as suas cavalgaduras, apesar de receberem á ponta de lança o cornigero aggressor.

Derreados os cavallos e eclipsados os picadores, o toiro fêz-se de todo para os capinhas, que aliás não o conseguiram capear uma só vez e quando muito só lograram o enraivecer ainda mais. De cada feita que o quadrupede arremettia sôbre um delles, saíam-lhe os outros pelos lados, agitando as capas, sem lhe dar tempo a marcar alvo para o assalto. Todo o empenho dos toireiros era fatigá-lo, a ver si dêsse modo alcançavam equilibrar as forças em acção e obtinham, para decôro profissionial, realizar algumas sortes, embora das mais simples, como o passe da Veronica ou o da Navarra.

O toiro, com effeito, apesar de sempre árdego e rebelde, já dava mostras de cansaço e parecia já não acometter com a mesma vehemencia, tanto assim que Torbellino, sem se poder conformar com aquella vergonhosa corrida composta só de correrias de um para outro lado da praça e repetidas escaladas á trincheira, resolveu salvar a situação com um golpe de audacia, e declarou que ia executar immediatamente a sua famosa sorte da cadeira.

O publico acclamou-o de novo, mas desde que elle, com um par de farpas na mão direita e a cadeira na outra, se pôs a bater com aquellas, chamando o toiro á cita, êste, em vez de partir de cara, como era de esperar, torceu de banda, antecipando-se assim no ardiloso quebro que o toireiro contava fazer, e repontou-lhe pêla esquerda, sem lhe dar tempo senão para fugir. De sorte que os papeis singularmente se trocaram, o toireiro não toireou e o toiro toireara, e Torbellino lhe teria sentido o gosto dos cornos se não se livra-tão depressa, abandonando ao adversario as farpas e a cadeira, que voou logo em estilhas pelos ares.

O peor, porém, é que o demonio do animal se lhe ferrou no encaço, e começou a perseguí-lo a galope cerrado por toda a volta em redondo da praça, sem fazer caso dos capinhas que tenta-

vam desviá-lo da porfia. Torbellino, afinal, com inaudita destreza, agarrou-se na carreira que levava á borda da trincheira e a transpôs de um salto; o toiro, porém, não menos destro, galgou-a atrás d'elle, rastrejando-lhe a pista.

E então é que foram ellas! No interior da trincheira havia como sempre refugios e defesas, mas a tudo levava o toiro de vencida, ameaçando até as primeiras filas de espectadores. O pavor não podia ser maior. Na inversão dos pontos de perigo, via-se agora encher-se a arena com os que a invadiam, saltando a trincheira falsa em busca de segurança, e era lá para dentro que accorriam os capinhas em perseguição do intoirajavel boi.

Ah! não havia duvida que a quinta corrida, se, pelo seu imprevisito, ia bem para grande parte do publico, ia positivamente muito mal para os toireiros. Das farpas e bandarilhas destinadas ao feroz bicho, nenhuma lhe chegara a picar o coiro; das lanças dos picadores que o attingiram, a nenhuma foi dado conservar-se inteira, e dos ultimos três cavalloos sobrevividos, só um vivia ainda, e esse mesmo já ferido nas costelas e mal se podendo ter nas pernas.

Agora, o que os espectadores reclamavam nos seus implacaveis berros, era a presença do toiro na praça; felizmente, porém, já lá dentro tinham conseguido encurralá-lo, e não tardou a que o restituíssem ao publico.

Vinha cansado e vinha colerico. Mal surgiu, entre tanto na liça, encapotou logo, assestando para frente, cornos afilados, e desembestou, tal qual ao iniciar a corrida, no seu centripeto galope a que nada resistia.

A praça esvaziou-se inda uma vez, e o toiro bem senhor della, como para completar a sua victoria, arremetteu contra o cavallo já ferido de morte, unico sopro de vida que allí respirava. A pobre cavalgadura jazia encostada á trincheira, com os olhos sempre vendados, e com o sangue a desfilarem por entre as costelas partidas. Ao primeiro assalto caíu logo, mais de costa que de flanco, agitando as patas no ar. O toiro acommetteu-o de novo, engolfando-lhe no ventre os cornos por inteiro e revolvendo-lhe as entranhas que arrancou afinal de todo para fóra.

O desviscerado escorjava-se, ululando, num tremor de todo o corpo, e o toiro, a saciar nelle a sua tremenda colera, só recolhia as armas para as cravar de novo com mais furia. Depois, não conseguindo nella levantar a victima e arrojá-la, como um despojo vil, por cima da trincheira, se desferrava em mergulhar de todo a cabeça no arrojado ventre do agonizante, esfocinhando lá dentro na sagrenta lameira dos intestinos.

O publico, empolgado por tão cruenta feroci-

dade, esqueceu-se dos toireadores, para dar todo o seu entusiasmo ao toiro. Os applausos rebentaram do amphitheatro em pêso mais delirantes do que nunca, e o inconsciente heróe como se os comprehendera, sacou a cabeça das entranhas do cavallo para encarar orgulhoso a multidão, apresentando-lhe uma hedionda mascara vermelha e verde, feita de estrabo e de sangue.

Redobrou o entusiasmo, e uma ansia febril apoderou-se dos espectadores.

— Que lo maten! Que lo maten!

E a nuvem dos toireiros acudiu de novo á praça. O toiro, na sua immediata investida, viu-se logo cercado por todos os lados e, arguejante de cansaço, já sem força para os repellir, escarvava a terra com as patas deanteiras.

— Que lo maten! Que lo maten!

Um lugubre toque de corneta deu o signal de morte. Pêla primeira vez, fêz-se no circo um pouco de calma quasi silente, na qual se sentia resfolgar a velha alma espanhola.

E o guapo Torbellino, na sua linda roupa cor de esmeralda, perfilou-se defronte do toiro, expondo-lhe a capa vermelha, debaixo da qual se escondia a lamina fatal. O adversario, de cabeça baixa, a arfar com o corpo todo, recuava defronte d'elle, negando-se á provocação; mas os capinhas, tanto o instigaram e tanto o enredaram nos seus mil ardis, que o condemnado foi afinal collocar-se deante do Matador, em posição favoravel para receber o supremo golpe.

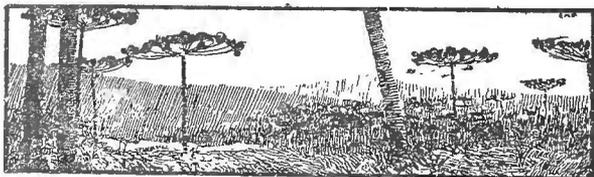
Torbellino não deixou fugir a vez. Aprumou-se, mediu o bote e, com um gracioso salto de mestre, enterrou-lhe até os punhos a espada na raiz do pescoço, por entre os cornos.

A arma ficou no corpo do ferido, e êste estacou, como surpreso do que se passava por dentro d'elle. O Matador approximou-se então da sua victima, puxou-lhe da cerviz a ensanguentada espada e bateu-lhe com ella desdenhosamente na cara.

O toiro deu ainda um arranco, que era já de moribundo, a cambaleiar, cruzando as pernas da frente, e foi cair ao lado do ultimo cavallo morto.

Levantou então a cabeça e abriu os seus olhos de animal vindo ao mundo para ser bom e forte. Da boca escorria-lhe sangue, mugiu soturnamente, e nesse mugido ia toda a lamentação de sua alma simples pelos campos verdes e amigos, que elle tivera de deixar para vir morrer allí tão cruamente nas mãos de barbaros.

E poi fim, deixándo pender a cabeça sobre o flanco do companheiro de sorte, suspirou muito repousadamente como um ente humano quando adormece.



A MATTA MALDICTA

I.

O Rosendo, num rompante, esbarrou a mula á porta da casinha da Belmira. Depois, dando um geito nas abas largas do chapéu molle, entrou para a sala e foi abraçar com ternura a rapariga. Mas recuou logo, espantado. Que era aquillo? Que frieza era aquella? Pois elle viera de tão longe, da fazenda, para encontral-a naquella tristeza? Dissesse...

Belmira foi levantar o pavio da candeia de azeite, sem dar resposta. Mas o caboclo insistia, já meio maguado com aquella secura.

— Que é que você tem, Belmira?

A rapariga olhou-o, desapontada e medrosa:

— Eu acho bom você não ficar hoje aqui, Rosendo.

— Mas porque?

Não! Não convinha!... Elle sabia: O Zé Pedro quando bebia um pouco, ficava maluco. E ella já soubera, que; desde a *boquinha* da noite; o Zé Pedro andava a fazer *estrepolia* pela cidade. Era capaz de vir, pela madrugada, como costumava, bater á janella. Se encontrasse homem, desfeiteava, brigava, queria botar para fóra... Se fizesse isso, já não seria a primeira vez: e ella, Belmira, não queria saber d'aquillo.

Fôra sempre uma rapariga bem vista das vizinhas: não queria dar motivo de queixas. Não! Não convinha que o Rosendo ficasse!... Era para evitar... Viria outro dia, um dia qualquer em que o Zé Pedro não estivesse com a cabeça cheia de cachaça.

O matuto relanceou, com orgulho, o olhar para a garrucha e a faca, na cintura, e deu um muchôcho:

— Ora, um homem é para outro!

Mas não! Ella não queria briga em casa...

Rosendo cortou-lhe a palavra com um gesto definitivo:

— Eu vim e fico! Se elle vier cá, peor para elle... E ficou.

Tirou o chapéu, dependurou o pala no prego do portal e foi ao quintal despejar num caixão dous litros de milho á mula *Guariba*. Que aquelle vagabundo viesse! Havia muito que já não se gostavam por causa da Belmira; pois acabava de uma vez com as rixas... Que viesse! Não tinha a fama de valentão do outro, porque nunca matára

ninguem; mas não tinha medo de homem. Quando estava no seu direito poderia vir quem viesse: — achava gente! E depois, aquillo tudo era medo, era bobagem da Belmira! O Zé Pedro vinha lá nada! Estava, talvez, a uma hora d'aquella, estendido na cama, lá em baixo, na cidade, a cozinhar a bebedeira, como era de costume. A Belmira, coitadinha, tinha razão... Ella não queria saber, de questões em casa, porque aquillo a desmoralizava. Mas Zé Pedro naquella noite? Zé Pedro vinha lá nada! E esteve conversando com a amante até tarde. Quando se foram deitar passava das onze.

Para a madrugada, Rosendo acordou em sobresalto, ouvindo um ruido, fóra, na rua, perto da janella. Desconfiado, poz o ouvido á escuta. Era uma voz de regougo, desconnexa e arrastada. Num susto, reconheceu a voz grossa do Zé Pedro. Segurou com força a garrucha debaixo do travesseiro e chamou baixinho a rapariga:

— Belmira, Belmira, o Zé Pedro está ahi...

Belmira levantou-se de um pulo. Que horror! Ella bem dizia! Ouviram-se pancadas na janella e a voz do Zé Pedro estourou fóra:

— Abre essa droga!

Belmira poz as mãos na cabeça:

— Ai! meu Deus!...

Estava perdida! E correu para a tozinha, estonteadamente, com a roupa debaixo do braço, a vesti-la atarantada, sacudida do chôro e susto...

No meio do quarto, só, tremulo, com a garrucha na mão, Rosendo esperava.

— Abre essa *gronga*, senão arrombo!

Rosendo continuava calado. E as pancadas continuaram mais fortes.

— Abre!

Então o caboclo de dentro respondeu para fóra, num largo desabafo de peito:

— Aqui não se abre nada!

— Então, arrombo!

— Arromba, se és homem!...

Um murro secco estalou e a janella franzina se escancarou ao luar! A cabeça do Zé Pedro appareceu, e logo um braço, e outro braço, numa escalada furiosa.

— Pára ahi, ladrão! — trovejou Rosendo.

O outro não respondia e bufava, esforçando-se para transpôr a janella, fungando, ancioso, roçando o peito no peitoril, os olhos chammajantes de raiva.

— Pára ahi, ladrão!

E levantava o braço, engatilhando a garrucha. Zé Pedro, num resfolegar continuo, num desespero, galgava com os braços, com o peito...

— Pára ahi, ladrão, senão te mato!...

Zé Pedro subia. Apoiou a barriga; num aranco poz um joelho, outro joelho, um pé...

— Pára ahi!

...Outro pé... la pular...

Um tiro atroou na vastidão calada da noite...

II.

Rosendo montou rapidamente a *Guariba* e tocou a galope pela estrada poeirenta. Esporeou o animal com furia. Em breve as ultimas casinhas da cidade tinham desaparecido.

Meia legua de caminho já tinha ficado, quando, á sua frente, o horizonte foi tomando uma vaga coloração, o céu branquejou, os campos vastos em torno, foram apparecendo, as montanhas crescendo ao longe, as arvores surgindo, aos poucos, por entre a neblina da manhã.

Metteu a *Guariba* a trote, para rememorar o que tinha feito. Como fôra aquillo? Porque tinha disparado a garrucha tão de repente? Como é que tinha matado Zé Pedro? Que estupidez tinha feito! Não podia esperar que elle entrasse, agarral-o, tomar-lhe a arma, dar-lhe muita pancada e depois deixal-o com o corpo retalhado de chicote, do lado de fóra? Porque, então, não fizera assim, elle que nunca pensára em matar?! Mas que horror! Matára mesmo! Sentira a queda do corpo cahindo pesadamente na rua. E estava perdido! Era um assassino!

E agora como havia de ser? E sua mãe, que seria d'aquella pobre velha, lá naquelle ermo, ao abandono, sem poder trabalhar e sem ninguem que lhe fosse levar um pedaço de pão? Que seria agora da sua propria existencia, agora, que viveria andando, errantemente, de terra em terra, de fazenda em fazenda, sempre perseguido pelos soldados, sem descanso, sem um momento de socego? Sim, que seria? Na cidade, áquella hora, já sabiam de tudo... O crime era fallado em todas as esquinas; o seu nome, que fôra sempre tão respeitado, já andava de bocca em bocca, manchado com uma maldição! E os soldados já lhe haviam sahido á procura, farejando pelo rastro fresco da *Guariba* na poeira da estrada, humedecida pelo sereno da noite. E vinham sem descanso, dous, tres, quatro, de *bonets*, terriveis, armados de carabinas, a perguntar, aqui, alli, "se não tinham visto passar o criminoso!"

Para attestar o crime, o corpo do Zé Pedro lá ficára estendido no chão, com uma bala cravada no peito. Podia ir para onde quizesse — encontraria sempre a mesma perseguição...

E a esta idéa, Rosendo chegou mais as esporas de prata no peito suado da *Guariba*. Era preciso

fugir, correr para muito longe, chegar a uma terra onde fosse desconhecido, e assim, talvez escapasse da cadeia.

A *Guariba* trotava largo, fazendo estalar as ferraduras no chapadão duro do caminho. O sol já tinha subido, numa gloria, para a esplendencia do azul, e o caboclo tocava sem descanso. E fazia trotar a mula, subindo comoros, descendo outeiros, ora sumindo-se na curva ensombrada da estrada, ora sahindo para a amplidão desolada dos campos.

Deixou campinas louras rutilando ao brilho do sol ardente, varou mattas escuras, cortou o entrelaçamento espinhado das capoeiras, embrenhou-se pelo coivalar dos cerrados, atravessou corregos e corregos, atirando de passagem, na liquescencia prateada, a *binga* de chifre para refrescar a garganta, num gole suavizador.

O sol, durante o dia inteiro, do alto, queimou como um castigo. A' tardinha, Rosendo entrou nos campos da Loanda, que ficavam a dez leguas da cidade, interminavelmente estendidos, interminavelmente verdes. Guiou a mula para uma baixada, á beira de um brejo onde fluia o zigzag fino de um fio de agua. A's suas costas, no poente, o sol já se tinha engolphado por traz das nuvens pardas, espirrando para o alto uns laivos de sangue vivo. Em breve as primeiras sombras crepusculares começaram a envolver os campos, e uma grande tristeza baixou do céu sobre a terra silenciosa. Rosendo subiu a um cupim e estendeu longamente a vista pela extensão morta d'aquellas paragens. A campina se estendia, ampla, arrasada e quieta. Nem uma voz estranha, nem o mais pequenino ruido para perturbar a immobilidade d'aquelle ermo. As arvores se erguiam, recolhidas e tristes, sem o bulicio leve de uma folha. O céu era de uma tristeza infinita e desamparada, arqueiando-se, como a derramar sobre a terra toda a angustia que enchia a solidão.

Só então, Rosendo levantou os olhos para a esquerda e viu, a meia legua, a estrada sombria da Matta das Cruzes, d'aquella matta profunda e maldicta, de uma legua cerrada de arvores e socavões, sem uma clareira, sem o alivio de um pedaço de campo. Era a matta excommungada que o povo d'aquellas redondezas havia cercado de uma lenda apavorante e tenebrosa. Nunca houve um caboclo, por mais valente e *sarado*, que ouzasse atravessal-a, á noite, sem rolar morto por uma grota. Contavam de muitos que lá entraram, em noites de lua, e nunca mais sahiram. E d'ahi a dias, era nova cruz que se levantava, no sitio onde se presumia ter desaparecido o teme-

merario... Elle mesmo, Rosendo, sabia do Mamede, d'aquelle caboclo decidido da Serrinha, que escorára tantos homens na ponta da sua faca matuta, e que um dia lá amanhecera, esfaqueado e rígido, com os dentes arreganhados. Ouvira também fallar do Rabello que, perseguido pelos soldados, certa noite quizera passar a matta, lá se sumira e nunca mais voltára.

E elle, Rosendo, d'alli a pouco tinha que romper pela matta sinistra fóra, na escuridão da noite. Não podia ficar do lado de cá. Era uma noite perdida, o mais que preciso para a policia chegar. Era preciso romper, custasse o que custasse! Conhecia o caminho, já passára por lá, de dia, tres ou quatro vezes. Do outro lado, logo ao sahir ao campo, á raiz da matta, ficava a casa do Liberando. Descansaria lá meia hora, para comer qualquer cousa, e em seguida, tocaria... Era preciso seguir: E Rosendo montou. A noite já tinha cahido, negra e profunda. O caboclo já não via mais a Matta das Cruzes, que se sumira na treva cerrada. Foi pensando na morte que tinha feito e teve medo. Tremeu. Sentia um pavor horrivel ao approximar-se á travessia perigosa. Veiu-lhe á mente excitada a figura do Zé Pedro, bebedo e morto, com os olhos terrivelmente abertos a clamar por vingança. Tinha matado!... Quem sabe se não seria atacado e morto na matta por um inimigo estranho?

Ao enfrentar a matta parou a mula um momento. Pensou. Mas era preciso seguir! De um arranco atirou o animal para a frente apertando-o com força nas esporas.

Cobriu-o uma abobada de arvores agigantadas e sombrias. Mergulhou medrosamente pelos caminhos sulcados pelos carros de bois. Não enxergava um metro á frente. A noite estava cada vez mais negra e mais soturna. A matta era um silencio intermino, desolado e lugubre. A mula tropeçou num galho secco, elle sentiu um arrepio percorrer-lhe todo o corpo. Já havia andado meia legua seguramente. Cada vez se entranhava mais no silencio e na treva, e cada vez apertava com mais anciedade o animal. Não podia olhar para traz: parecia-lhe que qualquer cousa o perseguia, aquelle inimigo da lenda, para vingar a morte do Zé Pedro. Começou a suar frio... A *Guariba* resfolegava, doida, tonta, cançada, a arquejar e a romper.

Vagamente, elle divisou na treva, de passagem' os braços abertos de uma cruz. Era aquelle o trecho assombrado.

De repente, sentiu que o animal encolhia as ancas, dando um estirão medroso para a frente:

Um frio de terror gelou-lhe as carnes. Levou machinalmente a mão á faca, na cintura, mas ficou sem acção. E sentiu distinctamente, horriavelmente, que qualquer cousa grossa é asqueiosa, com um bafo quente de sangue, pulára na garupa e o agarrava pelo paletot. Quiz voltar a cabeça, mas não pode. Estava estarecido sobre o arreio, sem forças, transido, a cabeça ardendo, num pavor mortal, as mãos tremulas e frias, o corpo gelado... E fincava as esporas desesperadamente, e queria avançar e avançava, queria livrar-se d'aquelle bicho sanguisedento e cruel, que já lhe arranhava as costellas com as unhas afiadas. Um suor glacial descia-lhe abundante da testa em fogo e o corpo lhe tremia todo, enregelado e duro, sem um movimento, fincado no lombilho como uma estaca.

E o medo crescia e o terror augmentava. E o porco immundo já lhe penetrava as carnes com as unhas ponteagudas e o estreitva já nas mãos lamacentas e cabelludas, roçando-o, roçando-o, ferindo-o, num encarniçamento de gula allucinada, numa fome selvagem, num desespero feroz. E elle apertava furiosamente a mula, fincando no sovaco, no peito que era já uma sangueira toda a roseta da espora. E a *Guariba* avançava, soprando ruídosamente, avançava, tropeçando aqui, tropeçando alli, desvairada, sempre para a frente, sempre para sahir d'aquelle inferno. E fincava sempre as esporas, rangia os dentes, apertava—como um recurso supremo—o cabo da faca na cintura, porque queria arrancar-a da bainha, virar o braço e espetar, socar, socar com a ponta, socar, escortaçar aquelle monstro estranho e pavoroso, que o agarrava e que o ia matar. E a mão, segurando a faca, ficava immovel, ficava pesada e não conseguia arrancar-a, não conseguia movel-a! E atraz, o bicho insaciado enterrava as unhas com mais gana, com mais violencia, já o abraço maligno envolvia-lhe toda a cintura e, em breve, seria derrubado por terra, arrastado para o seio da matta, morto num ataque doloroso de que não se podia defender. E o pouco de energia que lhe restava empregava nas pernas, arquejante, num esforço desvairado e supremo, a enterrar as esporas, para avançar, avançar sempre!... Mas sentiu que as pernas iam fraquejando, ammollecendo, bambas já do esforço continuo, e que a *Guariba* ia também afrouchando a carreira desenfreada, tropeçando a todo o instante, como a querer cahir. E o suor descia-lhe sempre da cabeça em braza, ensopando a roupa, e o corpo era a mesma pedra inerte e gelada, incapaz de um movimento. E para a

frente era a espessura absoluta da treva e elle não via nada do que o cercava, não sabia se estava longe, se estava perto da sahida d'aquella matta amaldiçoada e demoniaca. Sabia que ia cahir, ia ser arrastado, esmagado, espedaçado e morto. E o bicho atroz continuava, destruindo e ferindo. O bafo era agora mais quente e mais vivo, mais irregular e mais forte. Era um cheiro nauseante de sangue que sahia d'aquella bocca escancarada, que ia começar a comer d'alli a pouco, a comer, porque era um monstro que estava louco de fome!... De repente como um allivio, sentiu na treva uma vaga clareira; e, logo á frente, a dez metros, na baixada, um fogo á porta da casa do Liberando.

Cambaleando em cima do arreo, já quasi morto, sentindo nas costas, a agarral-o sempre, o porco horrendo e sujo; num ultimo esforço, encostou a *Guariba* á porta da casinha, e deixou-se cahir para o chão, pesado e inerte. O Liberando e a mulher, apavorados, correram, e levantaram o corpo do chão. O dono da casa conheceu logo o caboclo. Que significava aquillo?

Rosendo, desvairado, febril, apontava para as ancas da *Guariba*, batendo o queixo:—Lá...lá... Liberando foi examinar. Mas que era? Não havia alli nada!

Deitaram-o no quarto da sala, e a mulher correu para arranjar remedio. E toda a noite, delirando, foi aquella perseguição dolorosa! Via-se á beira do brejo, no campo, do outro lado da matta maldicta, ao cahir da tarde triste, já medroso de atravessal-a. Depois a noite negra, como um prenuncio de desgraça, estendida pela terra... Depois a travessia sinistra... o ataque... a resistencia desesperada... o mesmo frio de morte e tranzir-lhe o corpo... E a perseguição do bicho cada vez mais encarniçada, e as unhas a penetrar-lhe a carne... e elle a debater-se, a querer livrar-se... Depois, a sahida subita, na clareira, e as pessoas conhecidas...

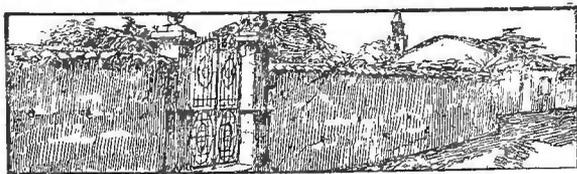
Em seguida, via-se de novo no seio mysterioso e escuro da matta tenebrosa, na mesma anciedade, no mesmo pavor. E, de repente, já não era o porco objecto! era um cadaver ensanguentado, de rosto livido, o cadaver do Zé Pedro, a perseguil-o tambem, com um riso atroz na bocca escancarada, e a gritar:

«— Abre esta droga! Abre esta droga!»

E depois a mesma sahida, o mesmo fogo salvador.

Já manhã, não conseguira ainda dormir. Tinha o corpo moido, por certo ensanguentado, e a cabeça ardía-lhe na mesma febre devoradora. De repente, ouviu pancadas na porta da entrada. Levantou a cabeça: no mesmo instante, viu o Liberando correr para abrir. Tres homens entraram de bonets e reflex. Eram os soldados. Pôz as mãos na cabeça. Estava perdido!

BAPTISTA JUNIOR.



O NATAL DE FREI GUIDO

Isto foi no tempo de S. Francisco de Assis, o doce asceta, o bardo contemplativo e lyrico, o frei amante da natureza, que chamava o lobo seu irmão e as aves suas irmãs e suas irmãs tambem as flores da terra e as estrellas do céu...

Num dos conventos, que elle fundára, havia então um joven moço, de nome Frei Guido; era um bello frade, alto e magro, de barbas louras e figura suave; diziam-n'o sabedor de muitas disciplinas, mas os seus ademanes eram modestos, quasi timidos. Muito mettido consigo, só fallava quando era preciso; ás palestras da comunidade preferia o commercio dos livros na sua cella, e as longas meditações taciturnas, em que extases divinos o vinham por vezes consolar. — E todos lhe queriam bem, os religiosos pela sua piedade e brandura, a gente de fóra pelas maneiras cortezes com que elle tratava pobres e ricos, e pelas muitas obras de caridade que fazia. Mas poucos lhe conheciam o timbre da voz, e quando elle sorria era de modo vago e distraído; como de pessoa cujo pensamento anda por longe...

E assim o iam deixando viver tranquillo, sem maiormente perscrutar os segredos da sua indole. Mas o superior do convento, o velho guardião, que, preposto ao governo de tantas almas, devia estudar mudamente cada uma dellas, levava não raras horas a fio scismando nesse genio original de Frei Guido. Por virtuoso o tinha de certo: mas por que de ordinario era elle tão calado, e se apartava constantemente dos outros? Dir-se-hia triste: e tristuras num bom servo de Deus a que proposito vinham? O Santo Patriarcha queria discipulos que aceitassem com animo forte o jugo do Senhor, alegres sempre, embora austeros. Não haveria alli fumos vãos de orgulho? Que é commum derivar o homem negras melancolias da excessiva preocupação de si mesmo. Ou seriam tormentos de concupiscencia, revolta dos sentidos ainda não de todo domados?

Pois tentações de tal ordem quando assaltam o justo, sóem prostrar-lhe o espirito em grandes desmaios e abatimentos...

Varias provas ensaiára já o cauteloso guardião e de todas sahira victoriosa a virtude de Frei

Guido: mandara-o beijar o chão de bruços, ciliar-se e açoiar-se em publico, lavar os pés a seus irmãos de habito, dormir sobre as lages do adro em noite de vento e chuva, fazer os serviços mais rudes e materiaes da casa; a tudo elle se submetera sem murmurar, simples, docil, diligente. Mas o severo director daquellas consciencias mais proximas da perfeição evangelica que as da gente mundana, ainda não se dava por satisfeito; havia de expor o moço frade á sua experiencia última e decisiva.

Ora, precisamente aquelle dia era vespera do Natal; era a noite feliz, *la noche buena*, como a denominavam os castelhanos. Todos no convento e nos burgos visinhos se aprestavam a celebrar dignamente a festa popular e universal, uma das poucas que não eram apanagio exclusivo dos senhores e potentados mas traziam prazer tambem aos corações humildes. A Igreja do mosteiro estava adornada sumptuosamente a despeito de serem pobres os religiosos, — pois uma cousa era o exiguo interesse delles, a parca e insossa alimentação, a estamenha grosseira e remendada, outra era a necessidade do culto, para cujo esplendor nada havia demasiado. E para altares, paramentos e alfaias, fidalgos devotos e opulentos lhes offertavam dons de valia. A multidão enchia o templo; plebeus com as suas vestes grossas de valenciana e bifa, nobres, com seus gibões e capeirotes de velludo, damas envoltas em mantos de seda com forro de branca armelina, todos assistiam igualmente recolhidos aos officios divinos; canticos sagrados reboavam harmoniosamente de arcaria em arcaria em espiraes azuladas de incenso e centenas de cirios ardiam por todos os lados.

Deo gratias! E, terminada a missa, dá o orgão os accordes finaes. Todos voltam jovialmente para suas casas; têm pressa de rir e folgar com parentes e amigos diante da ceia copiosa no conforto do lar bem aquecido — tanto mais que o inverno vai rude ali fóra e os caminhos a perder de vista estão brancos de neve sob o luar mortiço. Nos castellos, nos palacios e nas herdades de em torno começam os sarãos de dansas e trovas que durarão até amanhecer: e nem nas mais desmanteladas choças dos pastores serranos falta o ódre de vinho ou a marmita a rosñar sobre as brasas crepitantes. Mesmo no convento, os rigores da disciplina se abrandam por algumas horas, os frades tambem são homens, mercê de Deus e o bom Jesus nasceu para todos. Treguas ao jejum e á penitencia! No espaçoso refeitório,

de onde a fome sahe geralmente mal aplacada, vêem-se hoje iguarias finas, pão branco, pucaros de leite e mel, e no meio o bolo tradicional, a immensa torta dourada e fumegante.

Até Frei Guido, usualmente tão concentrado, parecia ter abandonado com gosto a consultação dos livros e a mudez das suas intimas cogitações, para tomar tambem parte na alegria commun. Já muito expansivo e animado, encetara calorosa pratica com varios noviços e professos, discutindo pontos subtilissimos de philosophia e dogma com basto dispendio de *distingos* e *ergos*, enquanto esperavam o signal de entrar para o refeitório.

Ora, exactamente quando ia começar a ceia, já rezado o *Benedicite* e posto cada um no seu lugar, o velho guardião chamou Frei Guido e lhe disse:

— Irmão, tomaí já o manto, e o bordão de viagem, e ide de minha parte ao Mosteiro principal de S. Bento, saudar o Dom Abbade e os seus monges. Vêde se podeis chegar lá antes de nado o sol.

Os frades todos estremeceram de espantados; até o decano octogenario, acostumado ás surpresas da ferrea disciplina, fez um gesto irreflectido de assombro. A ordem do prelado era absurda; tinha mais visos de zombaria que de cousa séria. O Mosteiro principal de S. Bento distava mais de cem leguas; como havia o pobre do Frei Guido chegar lá antes de nado o sol? E demais que idéa singularissima a de mandal-o jornadas penosamente numa noite como essa — na entre todas santa noite do Natal — pelos caminhos brancos de neve sob o luar mortiço!

Só Frei Guido não proferio palavra, nem se lhe alterou a placidez do semblante. Deixou o seu lugar, foi inclinar-se ante o guardião, para receber-lhe a benção, e tomando o manto e o bordão de viagem, partio.

II

Eil-o vai, açodadamente. Desertas são as estradas; quem se atreve a affrontar tão damnado inverno?

Eil-o vai. O vento gélido lhe corta as faces; as arvores despidas de folhas reflectem tristemente sobre a neve os troncos encarquilhados e tortos.

A principio Frei Guido vê ainda cá e lá a claridade das casas onde se canta e se baila; rumores festivos sahem dellas, e perdem-se na solidão da noite. Mais além o monge viandante divisa no cimo dos montes as luzinhas escassas das choupanas de zagaes, e escuta virem de lá notas tremulas e rusticas de flauta, cascalhar de adufos,

trechos de trovas sentidas como suspiros. Os mastins de guarda ladram á sua passagem. Depois, nem isso. Está em pleno campo.

Faz uma hora que caminha. Não encontra viva alma; mas, que ruidos extranhos são esses que lhe chegam aos ouvidos?

Dir-se-hiam murmurios, cochichos como de quem falla em segredo, risinhos abafados e malignos...

De subito, cachinam-lhe em torno gargalhadas asperas, estridentes, como as das bruxas nas orgias do sabbat. Frei Guido pára sobresaltado, e vozes sinistras entram a dialogar ao pé delle, em tom de sarcasmo e desdem:

— E' louco! é louco o pobre frade! ah! ah!

— Aonde vai elle tão depressa?

— Vai ao grande convento dos Benedictinos, ah! ah! ah! E as gargalhadas estrugem.

— E diz qué quer chegar amanhã, ah! ah!

— Chegará... chegará... no Natal do anno que vem!

E as gargalhadas redobram. Mas, depois do primeiro momento de susto, frei Guido percebe de que se trata; sabe como são frequentes estas historias de trasgos e duendes que andam a perturbar no somno ou-nas viagens nocturnas o socego dos christãos; assim se vê a Dama branca, e o cavalleiro renegado... O mesmo demonio apparece ás vezes sob a forma de um dragão, como appareceu a S. Jorge e a S. Mauricio, chefe da legião thebana.

Aquillo não era mais que velhacaria de Satanaz, que forcejava perversamente por despertar duvidas no espirito do monge, e ridicularizar a fidelidade com que elle cumpria o voto da santa obediencia. A sua alma de crente desprezava taes zombarias do grande blasphemio. Ah! diabo malvado e picaro. Com um Padre Nosso e uma Ave Maria havia da fugir para o inferno, corrido e envergonhado! E as gargalhadas cessaram, e as vozes emmudeceram.

E frei Guido proseguio tranquillo pelos caminhos brancos de neve a perder de vista sob o luar mortico.

III

Trazem as lufadas do vento musicas de toada exquisita; musicas profanas, de cadencia languida

e quebrada, que excitam a fantasia e subjugam a vontade. Musicas taes pelas estradas desertas? Será algum bando de arabes ou de bohêmios? Frei Guido não cabe em si de assombrado.

Trazem as lufadas do vento aromas penetrantes que embriagam; não aroma simples como o das flores no campo ou nos jardins, mas complicados perfumes, intensos e raros, de sapiente composição, como os que se respiram nas salas dos paços.

E agora um sem numero de lampadas escaletes, roxas, amarellas, de todas as côres, se agitam em circulos concentricos, e giram, e volem, e revolvem, approximando-se cada vez mais de

frei Guido; e approximando-se cada vez mais vêm as musicas de toada exquisita, e mais fortes, mais capitosas se tornam as essencias esparsas pelo ar...

E' sonho? E' delirio da mente enferma?... — pergunta-se o moço frade; e eis o que elle vê ainda para mais pasmar-se e benzer-se.

São mulheres, uma legião incalculavel de mulheres as que sacodem essas lampadas de todas as cores; e desse grupo encantado, que sobré a neve dança em movimentos vertiginosos, vêm as melodias e os intensos, raros aromas.

E um momento, sem dar por isso, frei Guido se vê ro-

deado de todas ellas; bailam-lhe em torno com tal rapidez que elle não pode distinguir-lhes as feições. São apenas figuras indecisas, envoltas numa sorte de nevoeiro, que volteiam, volteiam, e não acabam de voltear. E os sons dos multiplos instrumentos se alteiam mais vibrantes e os perfumes se condensam em nuvens como de incenso e myrrha. E o joven monge sente-se aturdido e tonto; e vacilla como quem vai cahir sem consciencia.

Cessa, porém, o bailado infernal. E então de entre aquella multidão sahe a mais formosa de todas e, acercando-se do frade, lhe diz com voz maviosa:

— Vem connosco, vem, Guido. E's moço e estás perdendo sandiamente a tua mocidade. Eh! Guido, deixa lá conventos e escapularios: deixa isso para mais tarde; que sempre é tempo de raspar o cercilho na cabeça. Pois o mundo tem tantos fulgores e deleites para dar-te, e tu te sepultas em vida entre os muros frios de um

AMADEU AMARAL
(DA ACADEMIA BRASILEIRA)

O DIALECTO CAPIRA

(PHONETICA, LEXICOLOGIA, MORPHOLOGIA,
SYNTAXE, VOCABULARIO)

Preço 5\$000, Pelo correio, registrado, 5\$500

PEDIDOS Á

Casa Editora "O LIVRO,,
R. 15 NOVEMBRO, 32-S. PAULO.

claustro. Anda, vem espiares um tanto em liberdade: cerra de vez com seus broches de prata a theologia e o livro de Horas!

— Mulher, respondeu elle friamente, são moucos meus ouvidos para as tuas propostas insensatas. Vai-te de minha vista, somê-te com as tuas companheiras malditas! Eu sei bem o que perdi e o que espero ganhar. Não serás tu que me ensine o modo como me cumpre viver. Nem me sobra tempo comtigo, que sou mandado ao mosteiro de S. Bento, e devo lá estar amanhã.

— Oh! Guido! pois podes tu crer em tamanha parvoice? Não percebes que mofaram de ti como de uma creança? O mosteiro de que fallas é tão remoto que necessitarias mais de um mez para chegar lá, viajando a pé como viajas. O guardião quiz humilhar-te com esse escarneo indigno. Vinga-te delle segundo convem ao pun-donor de um homem que se preza! Vem conosco! Serás feliz: tua existencia correrá toda em prazeres sem sombra de pensamentos merencórios.

Mas frei Guido debateu-se heroicamente, repellio de si as hetairas diabolicas e, invocando o nome de Jesus, e persignando-se muitas vezes, correu espavorido pelo campo fóra...

IV

Correndo a bom correr, divisou as torres esguias de um templo gothico, que se aprumavam no fundo alvacento do céu. Os sinos tangiam, tangiam lindamente no meio da noite. As tres largas portas da cathedral estavam de par em par abertas; por ellas e através dos vitraes ornados de imagens e florões, viam-se brilhar milhares de tochas, dando uma claridade festiva como deve ser a do Paraizo.

E um cortejo immenso sahia do templo a passos lentos, alumiado por muitos brandões e lanternas; e entre as solemnes harmonias dos hymnos liturgicos, adeantava-se pelos caminhos brancos de neve sob o luar mortiço. Era um luzido e pomposo prestito. Vinham á frente as solitas confrarias com seus habitos de diferentes cores e feitios; vinham depois galhardas companhias de homens d'armas, arautos e passavantes; seguia-se numeroso clero secular e regular; e, finalmente, carregado por infanções e cavalleiros de mui fidalga nasçença, o vasto pallio de tela d'ouro. Debaixo delle, quatro nobres varletes, magnificamente vestidos sustinham nas mãos os symbolos e emblemas da mais alta dignidade ecclesiastica; o primeiro trazia uma mitra cravejada de gemmas; o segundo um chapéo vermelho de largas abas com bordas pendentes que

arrastavam pelo chão; o terceiro grossas chaves de prata sobre a almofada de terciopelo; o ultimo empunhava o baculo pastoral, ponderoso e finamente lavrado.

E a procissão se dirigia para frei Guido que, de admirado, não sabia que pensar; e já o cercavam, de um lado e de outro, as alas das confrarias e do clero; até a gente do pallio parou deante delle. Então separaram-se da turba tres homens, que pelos trajés e ademanés se conhecia serem de elevada gradação.

— Eu sou o arcediogo, desta veneravel Sé — disse um, apresentando-lhe a mitra e o baculo. A fama de vossas virtudes e de vosso muito saber chegou até nós. Venho em nome dos padres e do povo saudar-vos como bispo desta diocese. A eleição que fizemos foi approvada pelo Summo Pontífice e o Imperador concorda. Assim a vós prestamos obediencia, e protestamos defender até a morte a vossa autoridade.

— Eu sou legado do Santo Padre de Roma — disse outro, pondo-lhe ante os olhos o chapéo vermelho de largas abas. Elle vos tem ha muito em alto conceito, e determinou dar-vos a mais valiosa recompensa que da sua munificencia depende. Por isso, de sua parte vos offereço o chapéo cardinalicio e a magna capa de purpura. Ave, Principe da Igreja!

E o terceiro disse (esse, de idade propecta, era o *vidama*, ou Governador daquellas terras):

— A mim me cabe, Dom Guido, entregar-vos as chaves do castello visinho, — pois, conforme deveis de saber, o Bispo desta Sé é Barão e Conde do Imperio, e exerce dominio feudal sobre o castello e as villas fronteiras, tendo a seu mando hostes numerosissimas. Assim fallando, apontava para um vasto solar, que a pouca distancia da cathedral demorava e tinha, com os seus muros negros e ameidados, carrancudo aspecto, como temerosa fortaleza que era. Dispostos ao longo das barreiras, estavam servos e vassalos, donzeis, escanções, estribeiros, bucellarios, monteadores com seus falcões e nebris, lebreus e podengos. Nem faltava o costumado jogral, agitando o seu sceptro de guizos, fazendo toda a sorte de momos e visagens.

— Aqui vos juramos, senhor, preito e homenagem! — ajuntou, curvando-se, o vidama.

— Excusais de o jurar — disse frei Guido serenamente. Eu não quero ser Bispo nem Cardeal, nem senhor de castellos e villas. Levai a outrem taes cargos; são rudes em demasia para os meus fracos hombros. Eu não passo de pobre religioso, cuja só ambição é servir a Deus obscu-

ramente, e prestar obediencia aos superiores. O Santo Padre de Roma é assás bom para não querer esmagar-me sob o fardo da mitra e da púrpura. Mas, se a todo o transe lhe aprouvesse impôr-me tão duro sacrificio, não a mim, mas ao guardião de meu convento, mandaria lettras ou mensageiros!

— Senhor! — exclamou o nobre vidama. Não é de monges rezadores que a Igreja e o Imperio precisam hoje: é de Bispos guerreiros denodados, que defendam o Occidente e façam recuar a mourisma reféce de Mafoma.

— Frei Guido — murmurou-lhe baixinho ao ouvido o que se intitulava legado apostolico — aceitai, por quem sois, o chapéo e baculo! Lembrai-vos que podeis ser Papa um dia e reger toda a Christandade!

— De tal sorte me guarde o Todo-Poderoso — replicou o monge. Deixae-me ir que o meu rumo é outro. Vou-me ao mosteiro de S. Bento, como me foi ordenado...

V

Já ficavam muito para traz o solar e o templo gothico, e frei Guido continuava em paz a sua jornada, quando um desconhecido se chegou a elle, e puxou-lhe de leve a manga do habito:

— Quanto vos prezo e venero, varão insigne entre os insignes! Bem andastes em recusar aquellas honrarias. Para homens de summo engenho como vós nada valem vaidades e ouropéis, e são cargos difficeis de levar, os grandes titulos.

— Quem sois vós? — perguntou o frade, e da cabeça aos pés o mirava. Era um velho de barbas alvas, embrulhado numa especie de tunica cinzenta e grossa; escondia as cãs sob uma ampla fota da mesma tela.

— Sou cultor da sciencia, frei Guido; busco na terra e na esphera azul o segredo intimo das cousas. No estudo da natureza, ponderando os factos e investigando as leis, eu attingi verdades nunca antes sonhadas. Sou perspicaz tambem em penetrar o coração humano. Que é comparado a mim? Hermes, o egypcio? Que é o rei Salomão? Que são os philosophos gregos? Eu vou muito mais longe, muito mais longe.

— Bella e nobre cousa é a sciencia, — disse frei Guido como em sonho. E se ha bem que eu ambicione após a salvação da minha, esse é de certo...

— Pois se desejaes possuil-o, vinde commigo, fazei-vos meu discipulo, e num dia, num só dia, eu vos transmittirei quanto aprendi.

O diabo pensava com razão que essa tentação era a mais forte, e por isso a deixara para o fim. Mas, frei Guido tornou muito calmo:

— Se em outra occasião me dêsseis conselho

tão excellente, eu pediria licença ao guardião para acompanhar-vos. Mas agora não posso, que devo ir para o mosteiro de S. Bento sem me desviar desse rumo...

— Mas um dia só—que importa um dia?—descobrir os mysterios dos astros, as propriedades das plantas, os nunca vistos thesouros da alchimia — não vos compensa isso tudo de tão pequena demora?

— Vós que tudo conheceis, lestes sem duvida a Escriptura Sagrada: Recordai-vos do que lá se diz: O principio da sabedoria é o temor de Deus. *Initium sapientiae timor Domini*. Eu vou ao mosteiro de São Bento...

Numa encruzilhada, um grupo de vagabundos assaltou o monge. Dirse-hiam ladrões, eram apenas mendigos.

— Frei Guido! — disse um — vede como sou côxo. Já caminhei muito; e preciso de caminhar ainda o dobro. Não tenho um bordão em que me arrime.

— Frei Guido deu-lhe o bordão de viagem.

— Frei Guido!—disse outro—soccorrei-me! Tenho os pés feridos de espinhos e cortados das neves.

Frei Guido desatou as correias das suas sandalias e calçou-lh'as.

— Frei Guido!—disse outro ainda, estou tiritando e não tenho nem uma capa velha com que me cubra!

Frei Guido despojou-se do proprio manto e abrigou-o nelle.

O frio era agudissimo; mas o bom religioso ia tão abrasado de caridade e amor divino que não sentia.

— Frei Guido! gereram muitas vezes a um tempo — temos fome! dai-nos um bocado de pão!

Ahi o monge, pela primeira vez nessa noite, tendo desprezado com alegria todas as grandezas do mundo, ficou triste por não ter trazido comsigo nem um bocado de pão na sacola.

Os mendigos foram-se; e frei Guido, tendo-se sentado um momento para descansar numa pedra da estrada, adormeceu sem dar por isso.

Quando acordou, ia nascer o sol; brilhava limpido o céu, sem nuvem alguma, e as tintas da aurora o alindavam. Frei Guido olhou assombrado ao redor de si. Estava num leito de flores. Rosas brancas, vermelhas, amarellas, haviam nascido no meio da neve. E andorinhas chilreavam voando rapidas, em bandos. No cimo de uma collina proxima, o enorme vulto do mosteiro de São Bento apparecia distinctamente.

Então Frei Guido conheceu quanto a sua virtude fôra agradável a Deus, que assim o trouxera milagrosamente ao seu destino, e fizera florir junto delle a primavera em pleno inverno...

SUPPLEMENTO

A vida anecdótica e pittoresca dos grandes escriptores

OLAVO BILAC

NOTAS, REMINISCÊNCIAS E DOCUMENTOS

Durante muito tempo, apesar de todas as oportunidades, não desejei ser apresentado a Olavo Bilac. Eu tinha por elle uma grande admiração, e sempre temi approximar-me das pessoas que admirei... Afinal, ha poucos annos, estando no Rio, a afeição que me tinha o saudoso Emilio de Menezes, — afeição que me envolvia e arrastava como um rio impetuoso, — me poz em contacto com o grande poeta. Já nos conheciamos de vista. Bilac tratou-me desde logo como a um velho amigo, com uma cordialidade singela e distincta. Pude então observá-lo de perto e á vontade.

Nenhuma *pose* se lhe notava, embora tambem não fosse homem de faceis e desmanchados abandonos. Sempre bem senhor de sua pessoa, compondo a *toilette* do seu espirito como a do seu corpo, sem jamais esquecer uma conveniencia (ou raramente esquecendo-a) como não esquecia nunca de acabar o laço irreprehensível da gravata.

A principio, desconfieei que a sua gentileza pudesse não ser mais do que uma doce hypocrisia, confeitada expressamente a fim de manter os importunos á distancia. Ha uma boa maneira de ser aberto e accessível — sem permittir a entrada a ninguem, sem mesmo permittir grandes proximidades... Mas enganei-me. Bilac era real e espontaneamente amavel. Sem se expandir nem derramar com o primeiro apresentado, era comtudo muito chão e muito tratavel para com todos.

Com aquelles que sabiam tocar-lhe o coração mais no fundo, não hesitava em escancarar, lespreocupadamente, o seu co-

ração e a sua vida. Falava dos seus negocios, dos seus projectos, dos seus sonhos, das suas tristezas, com a simplicidade lisa e clara de um bom rapaz entre rapazes; de tal modo que, em pouco, quem quer que houvesse merecido a sua afeição se sentia inteiramente á vontade na sua presença. A intimidade estabelecia-se mesmo sem que se dêsse por isso. E, ás vezes, depois de uma hora de despreocupada e alegre camaradagem, em que a gente o ouvira e se fizera ouvir sem attitudes, não se podia deixar de reflectir, a sós, com um vago acanhamento retrospectivo, que o interlocutor de quem nos haviamos separado momentos antes, batendo-lhe no ombro, era, afinal, um dos mais altos espiritos que o Brasil tem engendrado.

Nunca vi joven literato, suando timidez e modestia, falar da propria obra com mais despreocupação e simplicidade. Um dia, eu, Roberto Moreira e mais alguém, que não me recorda quem fosse, lhe faziamos perguntas. Em vez de se remontar e formalizar como alguém que gosta de mostrar que é um homem complexo, com muitas peças e muitas mólas, muito cheio de considerações e de intencionalidades, atafalhado de theorias e de mistérios, — elle a tudo respondia sorrindo sem hesitação e sem calculo, em poucas e rapidas palavras, naquella sua voz cheia e sonora.

Indagou um de nós qual o motivo porque elle dera certa forma a um pequeno passo de uma de suas mais celebres poesias; e elle, immediatamente: — “Por tolice.” Em seguida, explicou que commetteu no referido lugar uma simples e redonda asneira, sem outro nome e sem nenhuma atenuante; asneira que só corrigira muitos annos depois de dada a publico pela primeira vez...

Esta simplicidade, esta lisura e esta modestia singela e sensa-

ta, sempre a encontrei presente em suas palavras e em suas maneiras.

Na mesma occasião do episodio aqui referido, elle espontaneamente nos confessou, com a mesma despreocupação encantadora, que levava trinta annos para descobrir que a palavra *hetere*, empregada numa das composições do seu primeiro livro, varias vezes reeditado, era gallicismo crasso, desnecessario e indesculpavel.

Desses erros, todos os commettem. Não ha quem fuja á fatalidade inelutavel de algum tributo á soberana Tolice. Altos engenhos têm roçado pela mais rasteira estupidez. Raros, porém, são os homens que têm a virtude de confessar as fraquezas do seu espirito e de revelar pelas proprias mãos, sem rodeios e sem ceremonias, os aleijões a que deram existencia. Bilac teve, plenamente, essa virtude e essa coragem. Eis ahi, após outros, mais um traço altamente sympathico da sua physionomia moral.

AMADEU AMARAL.

Curiosidades literárias

Autobiographia de MONTEIRO LOBATO

Pedindo-lhe um amigo uma noticia biographica, Monteiro Lobato forneceu-lhe as seguintes notas, que achamos interessante publicar:

«Nasceu em Taubaté, aos 18 de Abril de... 1884. Mamou até 87. Falou tarde, e ouviu pela primeira vez aos 5 annos um celebre dictado:

Cavallo pangeré
Mulher que... em pé
Gente de Taubaté
Dominus libéra mé

MODELO

E' boa e linda, e mais que linda e boa,
Nobre. A corôa augusta das princezas
Donra-lhe a fronte ao lado da corôa
Que provém das olympioas bellezas.

Nobre . . . Não da nobreza que se cõa
Em veias d'ouro, na opulência presas,
Mas dessas puras, classicas nobrezas,
Cuja fama nos seculos ecõa.

Mas se ella tanto é boa quanto bella
E si ella é tanto quanto bella nobre,
Sua nobreza cresce mais, quando ella

A sua alma purissima descobre
E manda-me um sorriso da janella,
Como esmola que cae nas mãos dum pobre.

ALMA GEMEA

Seja fidalga on simplesmente seja
Plebéia vil; purissima ou devassa,
A sua sombra lubrica me beija,
Seu espirito candido me abraça.

Louco, siga-a nos ares sem que a veja,
E vejo-a, sem que a siga, quando passa
Num ruflo do azas de veloz narcejã,
Cheia de timidez, cheia de graça.

Si é creatura nobre, creatura
Nobre serei, pois quero ser, como ella,
De altiva raça, de ascendencia pura.

Mas, se em logar de aristocrata e nobre,
E' pobre e simples, sendo assim tão bella,
Eu quero ser também simples e pobre.

ALMA NOVA

Voltas de novo oom teu gesto amigo,
Desafogando as nevoas de minh'alma;
E a alacridade, o gozo, o riso, a calma
Voltam de novo, par a par oomtigo.

Bemdito sejas, astro que eu bomdigo;
Pois me trazes do amor a mesma palma
E o mesmo puro affecto, que se espalma
Dentro em meu peito, de teu nome abrigo.

Bemdita sejas, Luz astral do riso,
Immortal projecção do paraíso,
Que transformas minh'alma em céu aberto;

Que, oomo a flôr na neve desabrocha,
Mettes um ninho dentro duma rocha
E rasgas um jardim sobre um deserto.

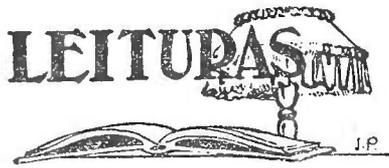
SENHORA

Mandae, emfim, senhora, que eu prometta
Ser cavalheiro fiuo, lesto e brando;
Seguir-vos-ei, captivo ao vosso mando,
Como um planeta segue outro planeta.

E se a etiqueta impõe, preceituando,
Andar de luvas e casaca preta,
Eu son, senhora, escravo da etiqueta:
De luvas pretas e casaca eu ando.

Serei modelo puro na calçada,
Mais brando, puro, lesto e prazenteiro—
Que um cavalheiro nobre de embaixada;

E, em vos saudando de mauhá, primeiro
Oscularei a vossa mão nevada,
Como compete a um nobre cavalheiro.



NEGRINHA — Monteiro Lobato —
Ed. da «Revista do Brasil» — S. Paulo,
1920.

Monteiro Lobato publicou, sob o
título «Negrinha», uma nova serie de
contos, dos quaes o primeiro dá nome
ao livro. Nelle ha de tudo, desde o
sentimentalismo da pretinha que nun-
ca vira nma boneca e morre depois
que a vê, até o ridiculo estardalhaute
de um grammatico, victima de um
pronome mal collocado. Entre esses
extremos, ha um logar para o pathe-
tico e para o horrivel: — um retirante
do Ceará, veterano do Paraguay,
cego e valetudinario, dá com os costad-
os na Hospedaria dos Immigrantes
de São Paulo, onde vem a reconhecer
com inaudita alegria o seu velho capi-
tão, que lhe restitue com a vista o
prazer de contemplar a filha, que
deixará no Ceará, para onde volta
«nadando em felicidade»; e um preto
que, deitando olhos pouco respeitado-
res á sra. fazendeira, é assado á
ordem do sr., que assim pode offerer
á mulher, todos os dias, um prato de
«bugiu moqueado . . .»

Como se vê, «Negrinha» é um livro
para todos os paladares, dos mais fi-
nos aos mais gastos, que exigem con-
dimentos poderosos.

Ha nelle ajuda uma joia — «O jar-

diheiro Timotheo», além de «O drama
da geada», pagina de effeito.

Em resumo, o autor de «Urupês»
offerceeu ao publico um bello livrin-
ho, que vem augmentar a sua gran-
de nomeada como contista brasileiro.

COIVA'RA — Gastão Cruls — Ed.
Livraria Castilhos — Rio, 1920.

«Coivára», de Gastão Cruls, é um li-
vro de grande valor, que injustamen-
te tem sido esquecido pela critica. O
autor se revela um narrador, de ex-
cepçionaes qualidades, ás quaes dá
largas em meia duzia de contos, que
se lêem com todo o interesse.

«O nocturno n.º 13», «A noiva de
Oscar Wilde», «Noites brancas», «O ca-
çador de pacas», «A morte do sacy»
são trabalhos de invulgar merito.

DIALECTO CAIPIRA — Amadeu
Amaral — Casa Editora «O livro» —
São Paulo.

Entre os livros de mór valia, ulti-
mamente publicados em São Paulo,
figura «O dialecto caipira», de Ama-
deu Amaral. Livro de estudo serio,
destaca-se entre os mais como traba-
lho aturado, methodico e constante,
que não se faz num dia, mas em an-
nos; como observação sagaz e intel-
ligente, fructo de leitura e reflexão;
como, emfim, a primeira tentativa de
coordenação dos elementos do falar
vulgar para comprehensão da historia
da lingua em nosso meio, tanto qua-
to da comprehensão da alma do povo.
Assim, «O dialecto caipira», appare-
cido quasi ao mesmo tempo que «Po-
pulações meridionaes», de Oliveira

Vianna, colloca-se ao lado deste, com-
pletando-se ambos. Ao estndo histo-
rico-social das nossas populações, trou-
xe a inapreciavel contribuição philo-
logica, portadora de esclarecimentos
tambem historicos e sociaes.

«O dialecto caipira», além do copioso
repositorio de expressões e termos
consagrados pelo uso em São Paulo,
encerra o seu estudo summario, posi-
tivo e esclarecido, que projecta uma
luz nova sobre as nossas investigações
linguisticas. Representa um caminho
novo, que se vem de abrir e que ha
de ser pisado e repisado.

Já ao nosso estylista não bastará —
depois de publicado este livro — ir
buscar aos classicos da lingua os en-
sinamentos do bem falar vernaculo.
Quem pretenda escrever com arte e
vida, com expressão e vigor, ha de
agora, compulsando os mestres, cote-
jal-os com esse grande mestre rustico
que é o povo, de quem nos é dado o
codigo verbal. De facto, as toscas
phrases do vulgo, tocadas de toda a
sorte de contaminações e corruptelas,
são um inesgotavel manancial de vida,
força e belleza, que só esperam o la-
pidario que as trabalhe intelligente-
mente, dando-lhes visos de cultura,
rutilações de joia acabada, para se
engastarem no phrasear urbano e
letrado.

Quanto effeito de luz e de arte não
tirará o artista daquelle barro bruto?
O estylo se enriquecerá soberbamente
e a lingua se plasticizará considera-
velmente. Aos nossos escriptores e
poetas «O dialecto caipira» presta um
relevante serviço: — filiar a lingua
vulgar ao perfeito vernaculo.

EDIÇÕES DA

Sociedade Editora Olegario Ribeiro

AMADEU AMARAL		F. T. DE SOUZA REIS	
A Pulseira de Ferro (novella)	1\$000	A Divida do Brasil (estudo historico)	4\$000
Um soneto de Bilac (critica)	2\$000	WALDEMAR FERREIRA	
MONTEIRO LOBATO		Manual do Commeciante	8\$000
O's Negros (novella)	1\$000	Estudos de Direito Commercial	10\$000
LÉO VAZ		A Hypotheca Naval no Brasil	3\$000
Ritinha (novella)	No prélo	AUCTORES DIVERSOS	
GUSTAVO BARROSO		O que todo o commeciante precisa saber (10.º milheiro)	2\$000
Mula sem cabeça (novella)	No prélo	Almanach Commercial Brasileiro de 1918	6\$000
A. DE SAMPAIO DORIA		NICOLAU ATHANASSOF	
O-que o cidadão deve saber (10.º milheiro)	3\$000	Os Suinos, manual do criador de porcos (2.a edição, 8.º milheiro)	3\$000

OS PEDIDOS DO INTERIOR DEVEM TRAZER MAIS 10 o/o PARA O PORTE

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO

Rua Dr. Abranches, 43 - Caixa Postal 1172 - SÃO PAULO

EDIÇÕES DA "Revista do Brasil,"

	Broch.	Encad.		Broch.	Encad.
NEGRINHA, contos por <i>Monteiro Lobato</i>	2\$500	3\$500	DIAS DE GUERRA É DE SERTÃO, interessante narrativa pelo <i>Visconde de Taunay</i>	4\$000	5\$000
URUPÊS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 6.a edição	4\$000	5\$000	MADAME POMMERY, romance satyrico, por <i>Hilario Tacito</i>	4\$000	—
CIDADES MORTAS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição	4\$000	5\$000	BRASIL COM S OU COM Z, por <i>F. Assis Cintra</i>	3\$000	—
IDÉAS DE JÉCA TATÚ, critica por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição	4\$000	5\$000	VIDA OCIOSA, romance por <i>Godofredo Rangel</i>	4\$000	5\$000
NARIZINHO ARREBITADO, livro de historias para crianças, por <i>Monteiro Lobato</i>		3\$500	OS CABOCLOS, contos por <i>Valdomiro Silveira</i>	4\$000	5\$000
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRÁSIL, estudo de sociologia por <i>F. J. Oliveira Vianna</i>	8\$000	10\$000	HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA, por <i>Viriato Corrêa</i>	3\$500	4\$500
PROFESSOR JEREMIAS, por <i>Léo Vaz</i> , 3.a edição	4\$000	5\$000	ESPHINGES, versos de <i>Francisca Julia</i>	5\$000	—
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ, romance por <i>Lima Barreto</i>	2\$000	—	SCENAS E PAISAGENS DA MINHA TERRA, versos caipiras de <i>Cornelio Pires</i>	5\$000	—
LIVRO DE HORAS DE SOROR DOLOROSA, poesias por <i>Guilherme de Almeida</i>	5\$000	—	CASA DE MARIBONDO, contos, <i>João do Norte</i>	3\$000	—
ALMA CABOCLA, versos de <i>Paulo Setubal</i> , 2.a edição	3\$000	4\$000	PAIZ DE OURO E ESMERALDA, romance, <i>J. A. Nogueira</i>	4\$000	—

PEDIDOS PARA O INTERIOR,
MAIS 10 o/o PARA O PORTE

Pedidos aos Editores: Monteiro Lobato & C., Caixa 2-A - S. PAULO

A NOVELLA NACIONAL

Volumes publicados:

A NOVELLA NACIONAL é uma série de pequenos livros, nos quaes se mira ao seguinte escopo: offerecer a melhor leitura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possível. Os objectivos desta publicação, de que é director o sr. Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) podem assim, condensar-se no lemma — LIVRO BOM E BONITO AO ALCANCE DE TODOS.

Apparece approximadamente um volume por mez, com cerca de 80 paginas, no formato $16\frac{1}{2} \times 12\frac{1}{2}$ centimetros, impresso em magnifico papel e illustrado com numerosas e artisticas gravuras, contendo uma obra completa de auctor conhecido.

A Pulseira de Ferro por AMADEU AMARAL, o successor de Olavo Bilac, na Academia Brasileira. "E' no genero uma verdadeira obra prima", — disse desta novella o grande poeta Alberto de Oliveira.

Os Negros por MONTEIRO LOBATO, o celebre creador de Jéca Tatú. Estão no prélo mais dois volumes:

Ritinha por LEO VAZ, o festejado auctor do "Professor Jeremias", romance que obteve o maior successo literario da actualidade, alcançando tres edições em poucos mezes.

Mula sem cabeça por GUSTAVO BARROSO, o famoso escriptor cearense, autor da TERRA DO SOL, HEROES E BANDIDOS e outras joias literarias já sobejamente conhecidas e apreciadas.

A seguir novellas de:

Coelho Netto,
Afranio Peixoto,
Waldomiro Silveira
Cornelio Pires e outros.

Cada volume 1\$000 em todas as livrarias. Pelo correio, registrado 1\$300.

Assignaturas com direito a receber todos os volumes registrados:

Série de tres novellas 3\$500; série de seis novellas 7\$000; série de doze novellas 14\$000.

Pedidos á

Sociedade Editora
Olegario Ribeiro
Rua Dr. Abranches N. 43
Caixa, 1172 - SAO PAULO

OS NEGROS



— Lá, foges, aconselhou-me um, etc.

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).